

A. Balbach

[...] e a vida continua?

2ª Edição

Edições Vida Plena

Rua Flor de Cactus, 140 - Jd. Qta da Boa Vista

Tel./Fax: (011) 2198-1800

CEP 08597-640 — Itaquaquetuba, SP

e-mail: emvp@emvp.com.br

Título da 1 Edição: "Morrendo o Homem. Continua Vivendo?"

Direitos Reservados

T87 10000 02

CONTEÚDO

PREFÁCIO	3
O HOMEM SUA ORIGEM, NATUREZA E DESTINO NA MORTE	4
A ALMA É IMORTAL?.....	8
A IMORTALIDADE É OUTORGADA CONDICIONALMENTE	10
QUANDO SERA CONCEDIDA A IMORTALIDADE AOS JUSTOS?	12
OS MORTOS SÃO CONSCIENTES?.....	16
ONDE ESTÃO OS MORTOS?.....	17
OS IMPIOS MORTOS ESTÃO EM TORMENTO?	19
A DOCTRINA DO TORMENTO ETERNO UMA HERESIA	20
EXPLICAÇÃO DE ALGUMAS PASSAGENS DIFÍCEIS EM RELAÇÃO AO CASTIGO FUTURO DOS ÍMPIOS.....	22
O “bicho” que “não morre” e o “fogo” que “nunca se apaga”	23
DEFINIÇÕES DE “ESPIRITO E “ALMA”	25
Espírito.....	25
Alma	25
OS SERES-ESPIRITOS.....	28
Anjos	28
Cristo.....	30
O Pai.....	31
“Alma” e “espírito” humanos.....	31
NECROMANCIA ANTIGA E MODERNA.....	32
A PROMESSA DE CRISTO AO LADRÃO NA CRUZ	37
MOISÉS E ELIAS NO MONTE DA TRANSFIGURAÇÃO	38
MATAM O CORPO MAS NÃO PODEM MATAR A ALMA.....	40
PARA DEUS TODOS ESTÃO VIVOS	41
NO CORPO OU FORA DO CORPO	43
AS ALMAS DEBAIXO DO ALTAR	44
A PARABOLA DO RICO E LÁZARO	46
CRISTO PREGANDO AOS ESPIRITOS EM PRISÃO.....	48
SAUL CONSULTA A PITONISSA DE EN-DOR	49
A RESSURREIÇÃO DOS JUSTOS.....	50
A RESSURREIÇÃO E O ANIQUILAMENTO DOS ÍMPIOS NO FIM DO MILÉNIO.....	54
QUE É MORTE?	58

PREFÁCIO

“Morrendo o homem, continua vivendo?” Esta pergunta surge na mente de todo ser pensante. E quem no-la poderá responder? A incerteza neste sentido tem perturbado e vem perturbando a muitos. Os cientistas nada nos podem dizer, pois não têm meios para investigar este assunto. Os filósofos só podem apresentar-nos suas próprias conjecturas. Mas nós, como seres dotados de razão, não nos contentamos com o que os outros pensam e nem com o que os nossos pais creram. Queremos saber a realidade. E como havemos de conhecê-la?

Se fizéssemos esta pergunta ao Mestre dos mestres, Jesus Cristo, dir-nos-ia o que outrora dizia aos Seus contemporâneos, quando O consultaram sobre assuntos espirituais: “A Escritura não pode falhar” (João 10:35 - F). Volvamos, pois, à Escritura Sagrada, fonte infalível de toda a ciência e verdade, a ver o que ela nos diz sobre o assunto que agora nos propomos investigar.

O AUTOR

OS EDITORES

O HOMEM SUA ORIGEM, NATUREZA E DESTINO NA MORTE

“No princípio era o Verbo, e o Verbo estava com Deus, e o Verbo era Deus [...] Todas as coisas foram feitas por Ele, e sem Ele nada do que foi feito se fez” (João 1:1-3). “Pela fé é que sabemos que o universo foi criado pela palavra de Deus, de maneira que do invisível saiu o visível” (Hebreus 11:3 - H R). Portanto, “o que de Deus se pode conhecer”, “as Suas coisas invisíveis, desde a criação do mundo, tanto o Seu eterno poder, como a Sua divindade, se entendem e claramente se veem pelas coisas que estão criadas” (Romanos 1:19, 20).

O relato inspirado refere a criação com palavras muito simples, para que estivessem ao alcance do povo daquele tempo. Deus houve por bem não empregar uma linguagem técnica, pois ninguém seria capaz de entendê-la, nem mesmo os mais doutos cientistas hodiernos. Devemos, pois, contentar-nos com a simplicidade da linguagem bíblica.

A Bíblia chama este mundo um “globo” (Isaías 40:22) e diz que Deus “suspende a Terra sobre o nada” (Jó 26:7). Os sábios do passado, com as suas absurdas teorias cósmicas, certamente haviam de rir-se do fato de a Bíblia referir-se à Terra como sendo um globo a mover-se no espaço, mas finalmente se demonstrou, e hoje qualquer infante sabe que o relato bíblico é verdadeiro, ficando pois patente, como sempre ficará, que a palavra de Deus é a verdade e que a sabedoria humana é “loucura diante de Deus” (1 Coríntios 3:19).

Foi por meio de Cristo que Deus Pai criou, não só esta Terra e este céu, mas todo o Universo. Este mundo, com o sistema planetário a que pertence, e, bem assim, todos os demais mundos e sistemas planetários do vasto universo de Deus, não se criaram por si mesmos, do nada, mas saíram das mãos de um Criador onisciente e todo-poderoso. As leis que os regem não se originaram por si próprias. Todas procedem do Criador e são por Ele mantidas.

Criados os céus e a Terra, com o seu reino animal e vegetal, disse Deus: “Façamos o homem à Nossa imagem, conforme à Nossa semelhança; e domine [...] sobre toda a Terra”. “Criou, pois, Deus o homem à Sua imagem: [...] homem e mulher os criou” (Gênesis 1:26, 27). O homem foi feito à semelhança de Deus, não só no caráter, mas também na forma e aspecto. Não foi, porém, revestido da “expressa imagem” do Pai, pois esta somente Cristo possui (Hebreus 1:3). O homem não foi formado como nós o conhecemos hoje, física e intelectualmente fraco, deformado e doentio. Era de elevada estatura, seus traços eram perfeitos, vestes de luz envolviam seu corpo e era dotado de grande capacidade intelectual. Sua mente, moldada de acordo com a mente de Deus, era capaz de compreender as coisas divinas. A vontade de Deus Lhe estava gravada no coração e no entendimento.

A Bíblia Sagrada relata de modo muito simples e explícito a origem da raça humana: “Criou Deus o homem à Sua imagem”. Não há aqui lugar para conclusões errôneas.

Que da matéria inerte possa ter saído, por si mesma, qualquer forma de vida, é uma ideia repugnante a todo cérebro esclarecido e dotado de sinceridade. Até hoje, pelo menos, ninguém pôde demonstrar a possibilidade de tal absurdo. E outro absurdo é a errônea crença na transformação progressiva das espécies, segundo a qual o homem não é nada mais que o resultado da evolução de um gérmen. Mas até hoje não se tem provado a possibilidade desta suposição, e todas as falsas teorias forjadas neste sentido têm sido postas por terra.

Nenhum motivo há para se crer que o homem, por um moroso processo de evolução, através de uma linhagem de germes, moluscos, répteis e quadrúpedes, remonte às formas inferiores da vida animal. Muitos dos pretensos sábios são tão estreitos nas suas concepções, que rebaixam sua própria origem, despojando-a de toda a dignidade. Diz, mui acertadamente, o apóstolo Paulo: “Porquanto, tendo conhecido a Deus, não O glorificaram como Deus, nem Lhe deram graças, antes em seus discursos se desvaneceram, e o seu coração

insensato se obscureceu. Dizendo-se sábios, tornaram-se loucos” (Romanos 1:21, 22). A luz da Palavra de Deus está ao alcance de todos e brilha mui claramente, de modo que ninguém necessita tatear nas trevas da filosofia humana.

Esse ser, o homem, criado à semelhança de Deus, crê-se popularmente seja composto de corpo e alma. A alma, que, comumente, também se chama espírito, pretende-se seja uma entidade imaterial, consciente e imortal, que continue a viver depois da morte do corpo.

Essa crença acerca da natureza do homem é mantida quase universalmente, tanto pelos pagãos como pelos cristãos professos. Os protestantes, na sua quase totalidade, creem que o homem possui uma alma abstrata, consciente e imortal, a sobreviver ao corpo, simplesmente porque herdaram essa crença inadvertidamente do catolicismo, que, por sua vez, a derivou da filosofia dos povos pagãos, nos primeiros séculos da era cristã.

Deixemos, porém, a Escritura Sagrada, autoridade fidedigna e infalível, exprimir-se relativamente a este assunto.

Diz a Escritura que “formou o Senhor Deus o homem do pó da terra, e soprou em seus narizes o fôlego da vida; e o homem foi feito alma vivente” (Gênesis 2:7). Todos os elementos de que é formado o corpo humano são contidos na terra e provêm da terra. E quando Deus criou o homem, não colocou nele a alma, senão apenas o fôlego da vida. O homem era, antes de lhe ter sido insuflado esse fôlego, uma alma morta. Deus soprou nas narinas dessa alma morta o fôlego, e a mesma se tornou uma alma vivente, ou seja uma criatura viva. A Bíblia não diz que Deus pôs no homem uma entidade abstrata e imortal, que continuasse a viver, em estado de consciência, fora do corpo, depois da morte deste. Dessa entidade imaginária, a que geralmente se chama alma ou espírito, não depende a vida do homem.

A vida de todos os seres animados, e também das plantas, depende da respiração. A planta tem um princípio vital em que se baseia sua vida. A efetividade desse princípio requer, entre outras coisas, o bióxido de carbono e o oxigênio. Subtraindo-se à planta esses elementos, cessa a existência efetiva desse princípio vital e, conseqüentemente, cessa também a vida da planta. Ela morre. Essa ilustração serve para dar-nos uma ideia da vida e morte do homem. Mas vejamos uma ilustração talvez mais adequada. Admitamos a hipótese de termos à nossa frente uma vela acesa. A chama da mesma, que dá luz, depende do oxigênio. Faltando-lhe esse elemento, a chama se apaga e a luz desaparece. Assim, também, o homem possui um princípio vital, dado e mantido por Deus, princípio esse ao qual a Bíblia às vezes chama “espírito”, e mediante o qual o homem tem vida. Esse princípio vital depende da respiração. Por isso, a Bíblia também chama “espírito” ao fôlego do homem.

Retirando Deus o “fôlego de espírito de vida” (Gênesis 7:22) do homem, ele morre. Seu princípio vital se apaga e sua vida deixa de existir, assim como se apaga a chama da candeia e cessa sua luz. Do homem, por ocasião da morte, não se desprende nenhuma entidade imaterial, consciente e imortal, a que muitos chamam erroneamente “espírito” ou “alma”. A Bíblia nunca usa estes termos neste sentido, pois não existe essa entidade imaterial, consciente e imortal a sobreviver ao corpo.

Quando o homem nasce, Deus lhe dá o “fôlego de espírito de vida” (Gênesis 7:22). “ [...] Ele mesmo é quem dá a todos a vida e a respiração..” (Atos 17:25). “ [...] o Senhor, que criou [...] a Terra [...] dá a respiração ao povo que nela está, e o espírito aos que andam nela” (Isaías 42:5). Deus concede o princípio vital a toda criatura. “ [...] está na Sua mão [...] o espírito de toda carne humana” (Jó 12:10). Isto o salmista confirmou quando disse: “Nas Tuas mãos encomendo o meu espírito [...] Os meus tempos estão nas Tuas mãos” (Salmos 31:5, 15). Enquanto o homem vive, Deus lhe conserva o princípio vital e o fôlego: “E a Tua providência tem conservado o meu espírito” (Jó 10:12 -TB).

O homem, porém, não tem poder para reter seu fôlego. “Nenhum homem há que tenha domínio sobre o espírito, para reter o espírito; nem tem poder sobre o dia da morte..” (Eclesiastes 8:8). Disse o salmista: “ [...]

se lhes tiras a respiração, morrem, e voltam para o seu pó” (Salmos 104:29). Quando o homem morre, sai-lhe o espírito ou fôlego da vida (Salmos 146:4). Esse fôlego é recolhido por Deus, conforme lemos em Jó 34:14-15: “Se Ele (Deus) pusesse o Seu coração contra o homem, e recolhesse para Si o seu espírito e o seu fôlego, toda a carne juntamente expiraria, e o homem voltaria para o pó”. O espírito e o fôlego do homem são aqui uma coisa só. A repetição tem por finalidade reforçar a ideia. Ver exemplos em Salmos 79:4; 119:44; Isaías 58:1; 60:2; Naum 2:12, etc. Também o sábio Salomão confirmou que Deus recolhe para Si o fôlego do homem, quando este morre: “E o pó volte à terra, como o era, e o espírito volte a Deus, que o deu” (Eclesiastes 12:7). O sábio aqui, fazendo referência aos elementos de que o homem foi composto na criação — o “pó” que veio da terra e o “fôlego” que veio de Deus (Gênesis 2:7) — diz que esses dois elementos voltam às suas fontes originais. Esse “fôlego” ou “espírito” não é, porém, uma entidade consciente, pois, se fosse, a consciência do homem estaria no nariz. Ver Gênesis 2:7; 7:22; Isaías 2:22.

Os escritores bíblicos ligavam a ideia de “morte” com a de “exalação do fôlego”. Todo leitor da Bíblia Sagrada certamente estará familiarizado com o uso do termo “expirar” no sentido de “morrer”. Ora, “expirar” quer dizer “exalar o ar inalado”. O povo, nos tempos bíblicos, estava habituado com essa linguagem escriturística. Dizia-se, por exemplo, de uma pessoa que tivesse adoecido e morrido, o seguinte: “[...] e a sua doença se agravou muito, até que nele nenhum fôlego ficou” (1 Reis 17:17). O povo compreendia que o fôlego expirado pelo homem, ao morrer, era recolhido por Deus, conforme denotam as passagens atrás citadas — Jó 34:14-15; Salmos 104:29; Eclesiastes 12:7. Nesta concepção é que o moribundo, ao soltar o último alento, pedia a Deus que recolhesse seu fôlego ou espírito. Disse Estêvão ao expirar: “Senhor Jesus, recebe o meu espírito” (Atos 7:59). E Cristo, ao morrer na cruz do Calvário, exclamou: “Pai, nas Tuas mãos entrego o Meu espírito”. “E, havendo dito isto, expirou” (Lucas 23:46). Isto, porém, não quer dizer, de modo nenhum, que o “eu consciente”, ou seja, a individualidade de Cristo, tenha ascendido ao Pai, pois o próprio Jesus, três dias após, declarou: “Não Me detenhas porque ainda não subi para Meu Pai” (João 20:17).

A Escritura declara: “Pois o que sucede aos filhos dos homens, sucede aos brutos; uma e a mesma coisa lhes sucede a eles. Como morre um, assim morre o outro; todos têm o mesmo fôlego, e o homem não tem vantagem sobre os brutos. Pois tudo é vaidade. Todos vão para um lugar; todos foram feitos do pó, e todos voltarão para o pó. Quem sabe se o espírito dos filhos do homem sobe para cima, e se o espírito dos brutos desce para baixo, para a terra?” (Eclesiastes 3:19-21 - TB).

Em todos os sentidos é, sem dúvida, grande a superioridade do homem em relação aos animais irracionais, mesmo depois da morte, porque, ao passo que o animais não ressuscitam, o homem tem a gloriosa esperança da ressurreição (João 5:28-29). Porém, vantagem imediata, na morte, o homem não tem nenhuma, pois, como os animais, em pó se torna, Se, todavia, na morte, a “alma” do homem fosse para o Céu, então seria grande a vantagem do homem sobre os animais, e, neste caso seria falsa a declaração bíblica que acabamos de considerar.

Se o fôlego ou espírito que o homem exala na morte é uma entidade consciente e imortal, então temos que chegar à espantosa conclusão de que os animais, ao morrer, também desprendem uma entidade consciente e imortal, porque ambos, o homem e os animais, têm o “mesmo fôlego”. No texto original, a palavra hebraica para “fôlego”, em Eclesiastes 3:19, é a mesma que para “espírito”, em Eclesiastes 12:7. Tanto aqui como ali encontramos a palavra “ruah”. Esse “ruah” de todos os homens, bons e maus, pois o sábio fala do homem num sentido geral, e também o “ruah” dos animais, na morte, é recolhido por Deus, Quem lho deu, pois, foi o Senhor Quem lho assoprou nas narinas. E para onde vai o fôlego ou espírito (“ruah”) do homem quando recolhido por Deus? Vai para o Céu? De maneira nenhuma! Se o espírito do homem ao menos fosse para cima, enquanto o dos animais fosse para baixo, aquele já teria grande vantagem sobre estes. Mas nem mesmo esta vantagem o homem tem sobre os animais na ocasião da morte. “Quem sabe se o espírito dos filhos do homem sobe para cima, e se o espírito dos brutos desce para baixo, para a terra?” (Eclesiastes 3:21). Quem pode afirmar isto?

Deus recolhe o espírito ou fôlego de toda criatura, na morte, para reintegrá-lo ao ar. E na ressurreição dos mortos, Deus procederá como na criação, isto é, fará assoprar o fôlego ou espírito, do ar, nas narinas dos ressuscitados, conforme se lê em Ezequiel 37:9, 10 — “E Ele me disse: Profetiza ao espírito, profetiza, ó filho do homem, e dize ao espírito: Assim diz o Senhor Jeová: Vem dos quatro ventos, ó espírito, e assopra sobre estes mortos, para que vivam. E profetizei como Ele me deu ordem; então o espírito entrou neles e viveram, e se puseram em pé, um exército grande, em extremo”. Notai que não são espíritos individuais, vindos do Céu, mas um só espírito para todos, que vem dos “ventos”. Isto quer dizer que os mortos tornarão a receber a respiração e, assim, serão vivificados.

A ALMA É IMORTAL?

A errônea crença na imortalidade da alma não se baseia em nenhuma declaração bíblica. Encontramos, na Bíblia, cerca de quatrocentas vezes a palavra “alma”, e aproximadamente quatrocentas e cinquenta vezes a palavra “espírito”, mas nunca lhes é ligada a ideia de imortalidade inata.

Se os protestantes crêm na imortalidade da alma, não é porque tenham encontrado, na Escritura, fundamento para essa crença, mas simplesmente porque a herdaram inadvertidamente da igreja católica, a qual, por sua vez, a derivou da filosofia dos povos pagãos, incorporando-a à religião, no princípio da tenebrosa Idade Média, quando o paganismo invadiu a igreja e acarretou apostasia da doutrina original contida nas Sagradas Escrituras. Foi então aceito grande número de erros graves. “Destaca-se, entre outros, o da crença da imortalidade natural do homem e sua consciência na morte. Esta doutrina lançou o fundamento sobre o qual Roma estabeleceu a invocação dos santos e a adoração da Virgem Maria. Disto também proveio a heresia do tormento eterno para os que morrem impenitentes, a qual logo de início se incorporara à fé papal. Achava-se então preparado o caminho para a introdução de ainda outra invenção do paganismo, a que Roma intitulou purgatório e empregou para amedrontar as multidões crédulas e supersticiosas. Com esta heresia se afirma a existência de um lugar de tormento, no qual as almas dos que não mereceram condenação devem sofrer castigo por seus pecados, e do qual, quando libertas da impureza, são admitidas no Céu”. - E. G. White, O Conflito dos Séculos, pág. 55.

Foi a manifestação de agentes satânicos (anjos caídos), disfarçados em espíritos desincorporados de pessoas defuntas, que deu origem à crença na imortalidade da alma. Desde tempos remotos, a comunicação com supostos espíritos de mortos tem sido a base da idolatria pagã. A manifestação desses anjos caídos, em forma de almas de pessoas mortas, é uma farsa com que Satanás procura dar vida à mentira por ele lançada no princípio do mundo: “Certamente não morrereis” (Gênesis 3:4).

O homem não possui imortalidade inata. Disse Deus ao primeiro homem posto no mundo: “De toda árvore do jardim comerás livremente; mas da árvore da ciência do bem e do mal, dela não comerás; porque no dia em que dela comeres, certamente morrerás” (Gênesis 2:16-17). Satanás, porém, contradisse esta afirmação divina com a seguinte mentira: “Certamente não morrereis”. Eis o fundamento da doutrina da imortalidade da alma. A vida que Deus concedera ao homem era condicionada à obediência. Se obedecesse, viveria; se desobedecesse, morreria. Nestas condições, no dia em que o homem caiu em desobediência, foi pronunciada sobre ele a seguinte sentença de morte: “és pó, e em pó te tornarás” (Gênesis 3:19).

Em seguida foram tomadas providências para que o homem não pudesse perpetuar a vida, pois Deus não poderia consentir que um pecador se tornasse imortal. “Então disse o Senhor Deus: Eis que o homem é como um de nós, sabendo o bem e o mal; ora, pois, para que não estenda a sua mão, e tome também da árvore da vida, e coma e viva eternamente; o Senhor Deus, pois, o lançou fora do jardim do Éden, para lavar a terra de que fora tomado. E havendo lançado fora o homem, pôs querubins ao oriente do jardim do Éden, e uma espada inflamada que andava ao redor, para guardar o caminho da árvore da vida” (Gênesis 3:22-24). (Grifo do autor).

Se o homem tivesse imortalidade inata, que necessidade teria ele de comer da árvore da vida a fim de perpetuar sua existência? ou que necessidade teria Deus de impedir o homem de alcançar o que este já possuía? Será que os imortalistas não veem o absurdo em que resvalam com a sua teoria? Se o homem já possuísse imortalidade, então a sentença “em pó te tornarás” seria de nenhum efeito, pois não atingiria a essência do homem, a “alma consciente e imortal”. Que vantagem há em destruir a casca em vista da impossibilidade de destruir o grão? Se o homem possuísse uma alma imorredoura, então a morte da carne não seria a morte do homem, mas sim uma continuação de vida deste sob outra forma. Mas Deus disse ao homem todo, à individualidade consciente: “Certamente morrerás.”

Caso o homem, depois da desobediência, tivesse tido acesso à árvore da vida, ter-se-ia tornado um pecador imortal. Mas o caminho da árvore da vida foi guardado por querubins, e, pois, a nenhum membro da primeira família humana foi dado comer de seu fruto. O primeiro homem, por conseguinte, não poderia transmitir à sua posteridade aquilo que ele mesmo não possuía, a imortalidade, e, por isso, não há nenhum pecador imortal.

Biblicamente, a alma é mortal, pois as palavras “corrupção”, “morte”, “morrer”, “perecer”, “matar”, etc. lhe são aplicadas. Exemplos:

“Aproximou-se a sua alma à corrupção, e a sua vida ao que traz a morte” (Jó 33:22 - F).

“ [...] Não poupou a alma deles à morte” (Salmos 78:50); “Deus livrou a sua alma para que não caminhasse à morte” (Jó 33:28 - F).

“ [...] Tu, Senhor, livraste a minha alma da morte..” (Salmos 116:8).

“ [...] aquele que fizer converter do erro do seu caminho um pecador, salvará da morte uma alma..” (Tiago 5:20).

Se a alma é imortal, como dizem, então ela não é sujeita à morte. Logo, que necessidade há de se libertar uma alma daquilo a que ela não é sujeita?

“ [...] alma morta..” (Números 6:6; 19:13 - tradução literal). “ [...] e se assentou debaixo de um zimbro e pediu para sua alma a morte..” (1 Reis 19:4 - tradução literal).

“ [...] ele desmaiou e desejou que sua alma morresse, dizendo: Melhor me é morrer do que viver” (Jonas 4:8 - tradução literal).

.. a minha alma morra a morte dos justos..” (Números 23:10).

“Eis que todas as almas são Minhas; como a alma do pai, também a alma do filho é Minha; a alma que pecar, essa morrerá” (Ezequiel 18:4).

“Vós Me profanastes entre o Meu povo, por punhados de cevada, e por pedaços de pão, para matardes as almas que não haviam de morrer, e para guardardes vivas as almas que não haviam de viver..” (Ezequiel 13:19).

.. temei antes Aquele que pode fazer perecer no inferno a alma e o corpo” (Mateus 10:28).

Eis que o próprio Jesus Cristo declara que a alma é perecível.

De maneira nenhuma poderia o homem ser imortal, pois ninguém a não ser Deus possui a imortalidade inerente: “ [...] o bem-aventurado, e único poderoso Senhor. Rei dos reis e Senhor dos senhores; aquele que tem Ele só, a imortalidade..” (1 Timóteo 6:15-16).

A IMORTALIDADE É OUTORGADA CONDICIONALMENTE

Viver eternamente em gozo interminável - não pode o homem acalantar maior anseio que este. De todas as aspirações, esta é a mais elevada. De todos os empreendimentos, o que visa este alvo é o mais vantajoso. De todas as ciências, a que trata deste assunto é a mais importante. De todo o tempo gasto, o que se emprega neste sentido é o mais bem aproveitado. De todos os tesouros, este é o mais precioso. Nada há que, em valor, se possa comparar com este dom. Entre tudo quanto há de mais valioso neste mundo, o dom da vida eterna ressalta como objeto principal.

A vida eterna não é simples quimera; é uma realidade. O propósito original de Deus na criação do homem, era que este vivesse eternamente, como os demais seres inteligentes que habitam os mundos do Universo.

O homem foi criado com vida dependente de estrita obediência aos mandamentos de Deus, condição esta sob que os anjos — seres superiores ao homem em sabedoria, glória e poder — também têm vida. O primeiro homem, porém, perdeu este dom, pela desobediência. E “como por um homem entrou o pecado no mundo, e pelo pecado a morte, assim também a morte passou a todos os homens” (Romanos 5:12).

O homem é, portanto, mortal. “Nós também somos mortais [...]” disse o apóstolo. (Atos 14:14 F ou MS).

Com efeito, Deus, na Sua palavra, a Bíblia Sagrada, classifica o homem como mortal. “Eu”, diz o Senhor, “Eu sou Aquele que vos consola; quem pois és tu, para que temas o homem, que é mortal [...] ?” (Isaías 51:12);

Onde fica, diante desta declaração, a doutrina da imortalidade inata do homem? É inteiramente cancelada pela Bíblia. Se o homem é mortal, é lógico que não pode ser dotado de alma imortal.

Isto, todavia, não quer dizer que a imortalidade esteja fora do alcance do homem. Deus possibilitou ao homem adquirir o dom da vida eterna. Seja o Seu nome louvado eternamente por tão gloriosa provisão feita em favor de todos os descendentes de Adão!

Antes de prosseguirmos, desejamos esclarecer que “imortalidade” é o mesmo que “vida eterna”, pois aquele que é imortal vive eternamente, e quem não vive eternamente é mortal.

“A imortalidade, prometida ao homem sob condição de obediência, foi perdida pela transgressão. Adão não poderia transmitir à sua posteridade aquilo que não possuía; e não poderia haver esperança alguma para a raça decaída, se, pelo sacrifício de Seu Filho, Deus não houvesse trazido a imortalidade ao seu alcance. Ao passo que ‘a morte passou a todos os homens, por isso que todos pecaram’, Cristo ‘trouxe à luz a vida e a incorrupção pelo evangelho’. Romanos 5:12; 2 Timóteo 1:10”. Ellen G. White, O Conflito dos Séculos, pág. 533.

A vida eterna ou a imortalidade é um “dom gratuito” (Romanos 6:23) ao alcance de todos, por meio de Cristo, sob condição de obediência. “Porque Deus amou o mundo de tal maneira que deu o Seu Filho unigênito, para que todo aquele que nele crê não pereça, mas tenha a vida eterna”. “Aquele que crê no Filho tem a vida eterna; mas aquele que não crê no Filho não verá a vida..” (João 3:16, 36). A doutrina da imortalidade inerente anula, pois, a necessidade de um Salvador e, bem assim, as condições impostas pelo mesmo, para a aquisição da vida eterna, a saber, obediência aos mandamentos de Deus. “E eis que alguém, aproximando-se Lhe perguntou: Mestre, que farei [...] para alcançar a vida eterna? Respondeu-lhe Jesus: [...] Se queres [...] entrar na vida, guarda os mandamentos” (Mateus 19:16-17).

Por um lado, a Bíblia declara que o homem só pode ter vida eterna por meio de Cristo, sob condição de obediência, e por outro lado, uma falsa teologia, que procede do “pai da mentira”, assevera que o homem é por si mesmo imortal.

“O único que prometeu a Adão vida em desobediência foi o grande enganador. E a declaração da serpente a Eva, no Éden — ‘Certamente não morrereis’ — foi o primeiro sermão pregado acerca da imortalidade da alma. Todavia, esta assertiva, repousando apenas na autoridade de Satanás, ecoa dos púlpitos da cristandade, e é recebida pela maior parte da humanidade tão facilmente como o foi pelos nossos primeiros pais. À sentença divina: ‘A alma que pecar, essa morrerá’ (Ezequiel 18:20), é dada a significação: A alma que pecar, essa não morrerá, mas viverá eternamente. Não podemos senão nos admirar da estranha fatuidade que tão crédulos torna os homens com relação às palavras de Satanás, e incrédulos com respeito às palavras de Deus”. O Conflito dos Séculos, pág. 533 — E. G. White.

Diz, a propósito, o apóstolo Paulo: “Mas pela tua dureza, e coração impenitente, entesouras para ti ira no dia da ira e da revelação do justo juízo de Deus, que há de retribuir a cada um segundo as suas obras; com a vida eterna, por certo, aos que, perseverando em fazer obras boas, buscam glória, e honra, e imortalidade; mas com ira e indignação aos que são de contenda, e que não se rendem à verdade, mas que obedecem à injustiça” (Romanos 2:5-8 - F). O fato de termos que “buscar” a “imortalidade” significa que ainda não a temos, pois que necessidade teríamos nós de buscar aquilo que já tivéssemos? Ela será concedida aos obedientes “no dia [...] do justo juízo de Deus”.

QUANDO SERA CONCEDIDA A IMORTALIDADE AOS JUSTOS?

Dizem alguns: “Se não possuímos uma alma imortal que, quando da morte do corpo, vá gozar as delícias do Céu, então é vã toda a nossa carreira cristã”. Teriam razão para assim dizer caso não tivéssemos a gloriosa esperança da ressurreição. Na falta desta é que seria vã a nossa fé. Ensina o apóstolo Paulo que “se os mortos não ressuscitam [...] os que dormiram em Cristo estão perdidos” (1 Coríntios 15:16-18). Ora, se estão no Céu, como podem estar perdidos? Por aí podemos ver que Paulo centralizava suas esperanças, não numa continuação de vida, sob outra forma, em seguida à morte, mas sim na ressurreição. Se possuíssemos uma alma que se desligasse do corpo, depois da morte deste, e fosse imediatamente gozar as delícias do Céu, então de maneira nenhuma estariam perdidos os que morreram em Cristo na hipótese de que não houvesse ressurreição. Esta, aliás, seria em suma desnecessária, pois que necessidade teríamos nós de ressuscitar no último dia, se, em seguida à morte, continuássemos a viver sob outra forma e fôssemos imediatamente para o Céu? Como se vê, a doutrina da imortalidade da alma apenas anula a gloriosa esperança da ressurreição.

Se, conforme Paulo ensina, estamos perdidos no caso de não haver ressurreição, é porque, antes da ressurreição, não há nenhuma outra recompensa. Os profetas e apóstolos não esperavam ir para o Céu assim que morressem, pois concentravam todas as suas esperanças numa recompensa na segunda vinda de Cristo, ocasião em que todos os justos serão ressuscitados para receber o galardão. Nesta esperança é que Jó disse: “Como as águas se retiram do mar, e o rio se esgota, e fica seco, assim o homem se deita, e não se levanta; até que não haja mais céus não acordará nem se erguerá de seu sono [...] Porque eu sei que o meu Redentor vive, e que por fim Se levantará sobre a Terra. E depois de consumida a minha pele, ainda em minha carne verei a Deus. Vê-lo-ei por mim mesmo, e os meus olhos, e não outros. O verão. (Jó 14:11, 12; 19:25-27). Quando o profeta Daniel acabou sua carreira, Deus não o fez subir ao Céu, mas disse-lhe: “Tu, porém, vai até o fim; porque repousarás, e estarás na tua sorte no fim dos dias” (Daniel 12:13). O apóstolo Paulo punha todas as suas esperanças na ressurreição quando da segunda vinda de Cristo, esperando só então receber sua recompensa. Disse ele a propósito: “Mas já em nós mesmos tínhamos a sentença de morte, para que não confiássemos em nós, mas em Deus, que ressuscita os mortos” (2 Coríntios 1:9). Paulo sofreu a perda de todas as coisas a fim de que pudesse ganhar a Cristo, “para ver”, disse ele. “se de alguma maneira posso chegar à ressurreição dos mortos” (Filipenses 3:10). Se Paulo esperasse, por recompensa, ir para o Céu imediatamente em seguida à morte, teria dito assim: “[...] para ver se de alguma maneira posso subir ao Céu assim que eu morrer”. Na véspera de sua execução, Paulo se referiu ao galardão que lhe fora prometido, dizendo: “Combati o bom combate, acabei a carreira, guardei a fé. Desde agora, a coroa da justiça me está guardada, a qual o Senhor, justo Juiz, me dará naquele dia; e não somente a mim, mas também a todos os que amarem a Sua vinda” (2 Timóteo 4:7-8). Consideremos ainda outra declaração de Paulo indicando que o galardão não será concedido aos justos antes da segunda vinda de Cristo: “Seja (o tal) entregue a Satanás para destruição da carne, para que o espírito seja salvo no dia do Senhor” (1 Coríntios 5:5). O espírito, ou a alma, ou ainda, a vida (palavras sinônimas) do justo, não é salva por ocasião da morte, mas será salva “no dia do Senhor”. Nesse dia cumprir-se-ão estas palavras de Jesus: “qualquer que por amor de Mim, perder a sua vida, a salvará” (Lucas 9:24). Cristo também declarou que o justo não é galardoado antes da ressurreição, quando disse: “E serás bem-aventurado; porque eles não têm com que to recompensar; mas recompensado te será na ressurreição dos justos” (Lucas 14:14).

A recompensa dos justos, dos santos, dos profetas, de todos os fiéis desde o princípio do mundo, ser-lhes-á dada num tempo determinado, relacionado com o fim do mundo e a segunda vinda de Cristo. A esse tempo lançou João um olhar profético em visão, quando ouviu os vinte e quatro anciãos dizer: “e veio a Tua ira, e o tempo dos mortos, para que sejam julgados, e o tempo de dares o galardão aos profetas, Teus servos, e aos santos, e aos que temem o Teu nome, a pequenos e a grandes, e o tempo de destruíres os que destroem a Terra” (Apocalipse 11:18).

Pode um cristão sincero ler estas passagens e esperar receber sua recompensa imediatamente após a morte? Há na Bíblia pelo menos uma passagem que lhe prometa a entrada no Céu na ocasião em que morrer?

“Davi não subiu aos céus” (Atos 2:34), disse Pedro num dos seus discursos. E Davi afirmou: “Eu vou pelo caminho de toda a Terra” (1 Reis 2:2). Disto ressalta que o caminho de toda a humanidade, na morte, não conduz ao Céu. Se fosse verdade que o homem possui uma “alma abstrata, imortal e consciente, a sobreviver ao corpo”, conforme ensinam os imortalistas, então o “Davi” só poderia ser sua “alma”, e de maneira nenhuma sua carne. A carne deveria ser apenas o invólucro ou a casa residencial de Davi, mas nunca o próprio Davi. Se, pois, está escrito que “Davi não subiu ao Céu”, resulta-se que, ou o homem não possui essa “alma”, ou a mesma não vai para o Céu por ocasião da morte da carne, o invólucro do homem. Se fosse verdade que os justos vão para o Céu quando morrem, então um dos dois, ou Pedro ou Davi, teria mentido. Mas a Bíblia não se contradiz. Plena harmonia a caracteriza. Os homens é que contradizem a Bíblia quando alegam que o homem, ao morrer, vai para o Céu, pois, na realidade, via de regra, “ninguém subiu ao Céu, senão o que desceu do Céu, o Filho do homem, que está no Céu” (João 3:13).

A vida eterna ou imortalidade será outorgada aos justos por ocasião da ressurreição, na segunda vinda de Cristo, quando também lhes será concedida a entrada no Céu. “Eis que vos digo um mistério”, escreveu o apóstolo Paulo aos coríntios, “na verdade nem todos dormiremos, mas todos seremos transformados, num momento, num abrir e fechar de olhos, ante a última trombeta; porque a trombeta soará, e os mortos ressuscitarão incorruptíveis, e nós seremos transformados. Porque convém que isto que é corruptível se revista da incorruptibilidade, e que isto que é mortal se revista da imortalidade. E, quando isto que é corruptível se revestir da incorruptibilidade, e isto que é mortal se revestir da imortalidade, então cumprir-se-á a palavra que está escrita: “Tragada foi a morte na vitória. Onde está, ó morte, o teu aguilhão? Onde está, ó inferno, a tua vitória”? (1 Coríntios 15:51-55). Se só então os justos se revestirão da imortalidade, é porque não a possuem até aí. Caso possuíssem vida eterna inerente, nenhuma necessidade teriam de revestir-se da imortalidade quando da segunda vinda de Cristo, ocasião em que os justos que jazem nas sepulturas ressuscitarão.

Crê-se popularmente que os justos, ao morrerem, assumem a natureza espiritual dos anjos, entrando imediatamente em companhia destes. Muitos, mesmo, afirmam que os “espíritos ministradores, enviados para servir em favor daqueles que hão de herdar a salvação” (Hebreus 1: 14), aos quais o apóstolo Paulo, no verso anterior, chama “anjos”, são os “espíritos dos justos aperfeiçoados” (Hebreus 12:23). Segundo a teologia popular, o espírito que se desprende do homem, por ocasião da morte, é uma entidade consciente mas abstrata, “pois um espírito não tem carne nem ossos” (Lucas 24:39). E os anjos, pelo fato de serem chamados “espíritos”, são da mesma espécie, segundo a opinião do povo. O que não tem carne nem ossos, deve ser forçosamente abstrato — é o que se crê.

Ora, para que o prezado leitor possa melhor avaliar o absurdo desta teoria, peça a uma criança que lhe aponte algumas coisas concretas, que não tenham nem carne nem ossos, e verá como há de encontrar milhares. Dirá, talvez: “Um automóvel, uma bola, um livro, etc.”. Pergunte-lhe, em seguida, com palavras acessíveis à sua idade, se estas coisas são abstratas em virtude de não terem carne nem ossos, e verá como um infante, na sua inocência, sinceridade e falta de preconceito, compreende melhor as verdades da Palavra de Deus do que os que se intitulam impropriamente “teólogos”.

Os justos, é inegável, se tornarão iguais aos anjos. Mas quando será isso? Na morte ou na ressurreição? Ouçamos as palavras de Cristo: “Porque na ressurreição nem casam nem são dados em casamento; mas serão como os anjos de Deus no Céu” (Mateus 22:30; Lucas 20:35, 36).

Seremos, sim, na ressurreição, quando da volta de Cristo, e não antes, iguais aos anjos. Mas os anjos não são imateriais, como geralmente se supõe, nem nós o seremos quando sairmos dos sepulcros, se é que Cristo não virá antes de morrerem.

“Em verdade, em verdade vos digo”, falou Jesus, “que vem a hora, e agora é, em que os mortos ouvirão a voz do Filho de Deus, e os que a ouvirem viverão [...] Não vos maravilheis disto; porque vem a hora em que todos os que estão nos sepulcros ouvirão a Sua voz. E os que fizeram o bem sairão para a ressurreição da vida..” (João 5:25, 28, 29). “E todas as nações serão reunidas diante dEle, e apartará uns dos outros, como o pastor aparta dos bodes as ovelhas [...] E irão [...] os justos para a vida eterna” (Mateus 25:32, 46). Que necessidade teriam os justos, na segunda vinda de Cristo, de entrar (“irão”) na vida eterna, caso já estivessem de posse da mesma, como um dom inato? E para que a “ressurreição da vida”, se o homem, como dizem, já possui vida eterna inerente desde que nasce? Os justos só receberão a vida eterna quando da ressurreição da vida, e não antes. “E muitos dos que dormem no pó da terra ressuscitarão, uns para a vida eterna, e outros para vergonha e desprezo eterno” (Daniel 12:2).

“Quem tem o Filho”, escreveu o apóstolo João, “tem a vida; e quem não tem o Filho de Deus não tem a vida. Estas coisas vos escrevi, para que saibais que tendes a vida eterna, e para que creiais no nome do Filho de Deus” (1 João 5:12, 13). O apóstolo João, com estas palavras, não quer dizer que o cristão é efetivamente revestido de imortalidade desde o momento em que aceita a Cristo. Os crentes a quem o servo de Deus disse: “tendes a vida eterna”, estão mortos já de há quase dois mil anos. Eles, porém, tinham a vida eterna em promessa, ou seja, tinham a promessa de entrar na vida quando ressuscitassem, na segunda vinda de Cristo. “Esta é a promessa que Ele nos fez: a vida eterna” (1 João 2:25). Se temos a promessa de receber a vida eterna, então ainda não estamos de posse da mesma, pois que necessidade teria Deus de prometer-nos aquilo que já possuíssimos efetivamente? Por enquanto temos apenas a esperança de recebê-la. “[...] sejamos feitos herdeiros segundo a esperança da vida eterna” (Tito 3:7). Só é possível alguém esperar receber alguma coisa enquanto não a possui.

Cristo e os apóstolos referem-se à vida eterna como sendo coisa futura. Disse Paulo: “[...] a promessa da vida presente e da que há de vir”(1 Timóteo 4:8). “Mas agora, libertados do pecado, e feitos servos de Deus, tendes o vosso fruto para santificação, e por fim a vida eterna’ (Romanos 6:22). Em Romanos 2:5-7, lemos que a vida eterna será concedida aos justos no dia do juízo, ou seja, quando Cristo vier “para fazer juízo contra todos” (Judas versos 14,15; 2 Timóteo 4:1). Cristo disse: “Na verdade vos digo que ninguém há, que tenha deixado casa, ou pais, ou irmãos, ou mulher, ou filhos, pelo reino de Deus, e não haja de receber muito mais neste mundo e na idade vindoura a vida eterna” (Lucas 18:29, 30).

“Sabemos que, se a nossa casa terrestre deste tabernáculo se desfizer”, escreveu Paulo, “temos de Deus um edifício, uma casa não feita por mãos, eterna, nos Céus [...] Pelo que estamos sempre de bom ânimo, sabendo que, enquanto estamos no corpo, vivemos ausentes do Senhor. (Porque andamos por fé, e não por vista). Mas temos confiança e desejamos antes deixar este corpo, para habitar com o Senhor” (2 Coríntios 5:1, 6-8). Paulo aqui se refere ao que havia dito na sua epístola anterior aos coríntios: “E assim como trouxemos a imagem do terreno, assim traremos também a imagem do celestial. E agora digo isto, irmãos: que a carne e o sangue não podem herdar o reino de Deus, nem a corrupção herda a incorrupção. Eis que vos digo um mistério: Na verdade, nem todos dormiremos, mas todos seremos transformados, num momento, num abrir e fechar de olhos, ante a última trombeta; porque a trombeta soará, e os mortos ressuscitarão incorruptíveis, e nós seremos transformados” (1 Coríntios 15:49-52). Em 2 Coríntios 5:1-8, Paulo quer frisar o fato de que, para habitar com Cristo, no Céu, é preciso que nos dispamos da carne e do sangue, que é “nossa casa terrestre”, e nos revistamos de corpo celestial, “conforme o Seu corpo glorioso” (Filipenses 3:21). Isso, porém, só se dará na segunda vinda de Cristo. Só então é que estaremos com o Senhor e com Ele habitaremos.

“Virei outra vez”, disse Jesus, “e vos levarei para Mim mesmo, para que onde Eu estiver estejais vós também” (João 14:3). Caso os apóstolos, e, bem assim, todos os justos fossem habitar com Cristo no Céu por ocasião da morte, Ele não precisaria vir buscá-los na consumação dos séculos, quando “o mesmo Senhor descera do Céu com alarido, e com voz de arcanjo, e com a trombeta de Deus; e os que morreram em Cristo ressuscitarão primeiro. Depois nós, os que ficarmos vivos, seremos arrebatados juntamente com eles nas

nuvens, a encontrar o Senhor nos ares, e assim estaremos sempre com o Senhor” (1 Tessalonicenses 4:16-17). Só então se cumprirá a esperança de Paulo de “estar com Cristo” (2 Coríntios 5:8) pois só na “vinda de nosso Senhor Jesus Cristo” é que se verificará “nossa reunião com Ele” (2 Tessalonicenses 2:1).

Na expressão de Paulo “assim” estaremos sempre com o Senhor”, a palavra “assim” indica a maneira como havemos de chegar à Sua presença para com Ele estar: é pela Sua segunda vinda, ficando pois relegado o modo espúrio ensinado popularmente, segundo o qual os justos vão ter com Cristo pela morte.

Só na segunda vinda de Cristo é que os justos estarão efetivamente salvos, pois só então serão galardoados com a vida eterna. Para melhor compreensão do que vamos dizer, consideremos um exemplo prático. Um aluno, ao acabar de prestar todos os exames, e sendo bem sucedido, diz: “Passei”. Na realidade, ele ainda não passou, mas espera com certeza a promoção, em virtude dos bons exames que prestou. Assim, também nós podemos dizer que estamos desde já salvos no sentido de termos a promessa e esperança da salvação que há de vir, mas somente estaremos salvos em realidade quando recebermos a vida eterna, na segunda vinda de Cristo.

As Escrituras Sagradas referem-se à salvação como sendo coisa ainda futura, na qual devemos centralizar nossas esperanças: “ [...] gememos em nós mesmos”, disse Paulo, “esperando a adoção, a saber, a redenção do nosso corpo. Porque em esperança somos salvos. Ora a esperança que se vê não é esperança; porque o que alguém vê como o espera? Mas, se esperamos o que não vemos, com paciência o esperamos” (Romanos 8:23-25). “ [...] seremos salvos..” (Romanos 5:10).

.. a nossa salvação está agora mais perto de nós do que quando aceitamos a fé” (Romanos 13:11). “ [...] fazendo isto, te salvarás, tanto a ti mesmo como aos que te ouvem” (1 Timóteo 4:16) “ [...] sei que disto me resultará salvação..” (Filipenses 1:19). “ [...] aquele que perseverar até o fim será salvo” (Mateus 10:22). “ [...] mediante a fé estais guardados na virtude de Deus para a salvação, já prestes para se revelar no último tempo” (1 Pedro 1:5).

OS MORTOS SÃO CONSCIENTES?

Em contraste direto com o testemunho da Bíblia, ensina-se popularmente que os mortos são conscientes. É assaz estranho que também os protestantes, que professam aceitar a Bíblia como sua única regra de fé, creiam nesse engano, pois a Escritura Sagrada não apresenta nenhuma prova de que os mortos sejam conscientes. Antes, pelo contrário, insiste que os mortos estão inconscientes.

“Os vivos sabem que hão de morrer”, diz a Bíblia, “mas os mortos não sabem coisa nenhuma, nem tão pouco eles têm jamais recompensa, mas a sua memória ficou entregue ao esquecimento. Até o seu amor, o seu ódio, e a sua inveja já pereceram, e já não têm parte alguma neste século, em coisa alguma do que se faz debaixo do Sol” (Eclesiastes 9:5-6).

Se é verídica a teoria da “imortalidade da alma”, então os injustos que estão no inferno e os justos que se encontram no Céu, nada sabem e nada sentem.

Mas a verdade é que a consciência do homem está no cérebro, e não numa suposta entidade abstrata, imortal e consciente (coisa que não existe), à qual muitos chamam alma ou espírito. Se o homem possuísse essa entidade imaginária, então de modo nenhum cessariam, na morte, as suas faculdades mentais. Ou será que o escritor do Eclesiastes, esquecendo-se de que a consciência está nessa entidade comumente chamada alma, falou da consciência por alusão à matéria?

Vejamos agora um exemplo prático: O homem, recebendo uma pancada na cabeça, perde os sentidos e fica inconsciente. Se receber uma pancada mais forte e morrer, será que deixará de perder os sentidos, ficando consciente?

Se o homem possuísse essa suposta alma imaterial e imortal a sobreviver, consciente, ao corpo, então a consciência do homem estaria sem dúvida nessa alma. E, neste caso, como poderia uma afecção física no cérebro afetar as faculdades psíquicas de modo a ocasionar doença mental? E como poderia haver perda de memória?

Ainda mais: Em caso de uma intervenção cirúrgica, como pode o anestésico anestesiar não só a carne, mas também a alma (ou espírito) de maneira a deixar o homem completamente inconsciente?

Ou temos que negar o estado consciente dos mortos ou rejeitar a Bíblia, pois excluem-se mutuamente. A Bíblia insistentemente afirma que os mortos não exercem poderes mentais. “Abraão não nos conhece”, lemos em Isaías 63:16. Jó, falando do homem depois de morto, diz: “Os seus filhos estão em honra, sem que ele o saiba; ou ficam minguados, sem que ele o perceba” (Jó 14:21). Aos que morrem “naquele mesmo dia perecem os seus pensamentos” (Salmos 146:4). Se é essa “alma” imaginária que pensa, então ela deixa de pensar depois da morte. Diz o salmista: “Porque na morte não há lembrança de Ti; no sepulcro quem Te louvará”? (Salmos 6:5). Segundo a teologia popular, os justos, depois da morte, continuam a louvar a Deus no Céu, mas a Bíblia relega este ensino fabuloso, pois diz que “os mortos não louvam ao Senhor, nem os que descem ao silêncio” (Salmos 115:17).

ONDE ESTÃO OS MORTOS?

Muita gente crê que os mortos bons se encontram no Céu e os maus no inferno. Mas isto não passa de uma fábula oriunda do paganismo, pois a Bíblia ensina que os mortos estão no pó da terra, de onde não sairão até o dia da ressurreição:

“Morrendo o homem, porventura tornará a viver? [...] Assim o homem se deita, e não se levanta; até que não haja mais céus não acordará nem se erguerá de seu sono” (Jó 14:14. 12).

“Não vos maravilheis disto; porque vem a hora em que todos os que estão nos sepulcros ouvirão a Sua voz. E os que fizeram o bem sairão para a ressurreição da vida; e os que fizeram o mal para a ressurreição da condenação” (João 5:28, 29).

“E muitos dos que dormem no pó da terra ressuscitarão..” (Daniel 12:2).

“E abriram-se os sepulcros, e muitos corpos de santos que dormiam foram ressuscitados” (Mateus 27:52). Esses santos não estavam no Céu, mas dormiam nos sepulcros.

“Tudo quanto te vier à mão para fazer, faze-o conforme as tuas forças porque na sepultura, para onde tu vais, não há obra, nem indústria, nem ciência, nem sabedoria alguma” (Eclesiastes 9:10).

Falando de Lázaro, irmão de Marta e Maria, que havia ficado enfermo e morrido, disse Jesus aos Seus discípulos: “Lázaro, o nosso amigo, dorme, mas vou despertá-lo do sono. Disseram, pois, os Seus discípulos: Senhor, se dorme, estará salvo. Mas Jesus dizia isto da sua morte: eles, porém, cuidavam que falava do repouso do sono. Então Jesus disse-lhes claramente: Lázaro está morto” (João 11:11-14). Já se haviam passado quatro dias desde a morte de Lázaro, mas ele não tinha subido ao Céu. Dormia no sepulcro. Cristo não o chamou do gozo das glórias celestiais para voltar a este mundo frio e tenebroso. Não lhe disse: “Lázaro, desce do Céu” mas, mandando revolver a pedra do sepulcro, disse: “Lázaro, sai para fora” (Verso 43).

A Bíblia não diz que o homem, na morte, se divide em duas partes, indo uma delas - a matéria morta - para a sepultura, a outra - uma alma abstrata, consciente e imortal - para o Céu ou para um lugar de tormento. Na morte, o homem não desprende outra coisa senão o fôlego, o ar inalado. A individualidade consciente, ou seja, o eu pensante do homem, morre juntamente com o corpo. Caso essa suposta alma abstrata, consciente e imortal do justo fosse para o Céu, então sua ciência e sabedoria continuariam ali. Mas a Bíblia diz que estas coisas cessam na sepultura.

A palavra hebraica correspondente a “sepultura” é “sheol”, e a grega é “hades”. Estas mesmas palavras são também, muitas vezes, traduzidas por “inferno”. Sepultura e inferno são, por conseguinte, a mesma coisa.

Ainda que freqüentemente traduzido por “inferno”, “sheol” nunca significa “um lugar de tormento”. Tal lugar não existe. Em parte alguma a Bíblia fala desse lugar imaginário.

O patriarca Jacó esperava descer ao “sheol” quando morresse (Gênesis 37:35; 42:38), onde pensava se achasse seu filho José. Mas acreditava Jacó que seu filho estivesse nas chamas infernais da teologia popular? Queria ele acompanhá-lo a esse suposto local? Até uma criança sincera compreenderá que não.

Outro patriarca fiel, Jó, quando enfermo, desejava descer ao “sheol” (Jó 14:13). “Sim, a minha esperança”, disse ele, “descerá até os ferrolhos do sheol, quando juntamente no pó teremos descanso” (Jó 17:15-16). Anelava e esperava o patriarca descer às chamas infernais? De maneira nenhuma!

Jonas, relatando sua experiência, disse que havia estado no “inferno” — “sheol” — (Jonas 2:2), de onde clamara a Deus. Com isto ele não quis dizer que estivera num lugar de tormento, em chamas, mas sim no ventre de um grande peixe.

A alma, que é a própria pessoa, morre e é sepultada. “Que homem há, que viva, e não veja a morte, que haja de livrar a sua alma do poder do inferno (sheol)?” (Salmos 89:48 - F). Do inferno não há quem possa livrar sua alma, uma vez morta. Até a alma de Cristo foi posta no inferno, tendo dali sido ressuscitada no terceiro dia. “Pois não deixarás a Minha alma no inferno (sheol)”, disse Jesus pela boca de Davi, “nem permitirás que o Teu Santo veja a corrupção” (Salmos 16:10).

Eis o destino de todos os homens na morte: “Como ovelhas são postos no inferno; e eles serão pasto da morte, e os justos terão domínio sobre eles na manhã; e passada a sua glória, tudo o que tiveram se envelhecerá no inferno” (Salmos 49:14 - TB). Se “inferno” é “um lugar de tormento em chamas”, então resulta que as ovelhas são ali lançadas quando morrem. Mas isto é demasiado absurdo para alguém crer.

Todo homem, bom ou mau, ao morrer, retorna para o pó da terra. Mas, com isto, não está tudo acabado, pois ao cristão resta a gloriosa esperança da ressurreição na segunda vinda de Cristo. “Mas Deus remirá a minha alma do poder da sepultura”, disse Davi, “pois me receberá” (Salmos 49:15).

OS IMPIOS MORTOS ESTÃO EM TORMENTO?

Assim como os justos, ao morrerem, não vão para o Céu, também os injustos não vão para o tormento quando morrem, mas são reservados no pó da terra para o dia do juízo, para então receberem o castigo merecido: “[...] sabe o Senhor livrar da tentação os piedosos, e reservar os injustos para o dia do juízo, para serem castigados” (2 Pedro 2:9). Se os mortos fossem diretamente para o Céu ou para o inferno, que necessidade teria Deus de marcar um dia para julgá-los? Será que o julgamento dos “mortos” (Apocalipse 20:12) se destina a apurar se estes de fato merecem estar no Céu ou no tormento, onde, segundo a crença popular, devam encontrar-se desde o dia da morte? Será que, depois do juízo, se dirá a alguns dos que devam agora estar no Céu: “Saí deste lugar e ide para o Céu!”?; ou a alguns dos que agora devam estar nas chamas: “Saí deste lugar de tormento e ide para o Céu!”? Se o homem recebe seu galardão na morte, que necessidade há de um juízo na consumação dos séculos? Suponha o leitor amigo o fato de um juiz meter um réu na prisão, por uns dez anos, para depois examinar seu caso, a ver se ele era de fato digno desse castigo. Não é repugnante esta ideia? No entanto, os que se dizem mestres em religião, pretendem que primeiro vem a recompensa para os justos ou o castigo para os ímpios, e depois o juízo.

O julgamento tem por fim averiguar quais, dos que estão reservados nos sepulcros, merecem o Céu e quais o castigo. Antes disso ninguém receberá seu galardão. “Mas pela tua dureza e coração impenitente”, diz Paulo, “entesouras para ti ira no dia da ira e da revelação do justo juízo de Deus, que há de retribuir a cada um segundo as suas obras; com a vida eterna, por certo, aos que, perseverando em fazer obras boas, buscam glória, e honra, e imortalidade; mas com ira e indignação aos que são de contenda, e que não se rendem à verdade, mas que obedecem à injustiça” (Romanos 2:5-7 - F). Por aí vemos que antes do “dia do juízo” ninguém receberá sua recompensa, pois como poderiam os injustos ser castigados antes de ser julgados?

Jesus certa vez lançou em rosto às cidades onde se operou a maior parte dos Seus milagres o não se haverem arrependido, dizendo: “Ai de ti, Corazim! ai de ti, Betsaida! porque, se em Tiro e em Sidon fossem feitos os prodígios que em vós se fizeram, há muito que se teriam arrependido, com saco e com cinza. Por isso Eu vos digo que haverá menos rigor para Tiro e Sidon, no dia do juízo, do que para vós. E tu, Capernaum, que te ergues até os céus, serás abatida até os infernos; porque, se em Sodoma tivessem sido feitos os prodígios que em ti se operaram, teria ela permanecido até hoje. Porém Eu vos digo que haverá menos rigor para os de Sodoma, no dia do juízo, do que para ti” (Mateus 11:21-24). Como pode alguém ler estas passagens e ao mesmo tempo sustentar que os habitantes dessas cidades impenitentes já estejam sofrendo o rigor do castigo desde o dia em que morreram? Porventura Jesus aqui não afirma claramente que esses pecadores só sofrerão o rigor do castigo no dia do juízo?

Quando chegar o dia da execução do juízo sobre “os que fizeram o mal”, terá lugar a “ressurreição da condenação” (João 5:29). Os ímpios mortos permanecem no pó da terra até esse dia. Não vão para o tormento imediatamente em seguida à morte, pois não podem ser castigados antes de ser condenados, e só o serão na “ressurreição da condenação”.

A DOCTRINA DO TORMENTO ETERNO UMA HERESIA

Depois da queda de nossos primeiros pais, “Satanás ordenou a seus anjos que fizessem um esforço especial a fim de inculcar a crença da imortalidade inerente do homem; e, tendo induzido o povo a receber este erro, deveriam levá-lo a concluir que o pecador viveria em estado de eterna miséria. Agora o príncipe das trevas, operando por meio de seus agentes, representa a Deus como um tirano vingativo, declarando que Ele mergulha no inferno todos os que Lhe não agradam, e faz com que sempre sintam a Sua ira; e que, enquanto sofrem angústia indizível, e se contorcem nas chamas eternas, Seu Criador para eles olha com satisfação. Assim o príncipe dos demônios reveste com seus próprios atributos ao Criador e Benfeitor da humanidade [...]

“Quão repugnante a todo sentimento de amor e misericórdia, e mesmo ao nosso senso de justiça, é a doutrina de que os ímpios mortos são atormentados com fogo e enxofre num inferno eternamente a arder; que pelos pecados de uma breve vida terrestre sofrerão tortura enquanto Deus existir! Contudo esta doutrina tem sido largamente ensinada, e ainda se acha incorporada em muitos credos da cristandade. Disse ilustrado doutor em teologia: ‘A vista dos tormentos do inferno exaltará para sempre a felicidade dos santos. Quando veem outros que são da mesma natureza e nascidos sob as mesmas circunstâncias, mergulhados em tal desgraça, e eles distinguidos de tal maneira, isto os fará sentir quão felizes são!’ Outro empregou estas palavras: ‘Enquanto o decreto da condenação está sendo eternamente executado sobre os vasos da ira, o fumo de seu tormento estará sempre e sempre a ascender à vista dos vasos de misericórdia, que, em vez de se compadecerem daquelas miseráveis criaturas, dirão: Amém, Aleluia! louvai ao Senhor!’

“Onde, nas páginas da Palavra de Deus, se encontra tal ensino? Perderão os remidos no Céu todo sentimento de piedade e compaixão, e mesmo os sentimentos comuns de humanidade? Devem tais sentimentos ser trocados pela indiferença do estoico, ou a crueldade do selvagem? Não, absolutamente; não é este o ensino do Livro de Deus. Os que apresentaram as opiniões expressas nas citações acima, podem ser homens ilustrados e mesmo sinceros; mas estão iludidos pelos sofismas de Satanás. Este os leva a interpretar mal terminantes expressões das Escrituras, dando à linguagem a coloração de amargura e malignidade que a ele pertence, mas não ao Criador. ‘Vivo Eu, diz o Senhor Jeová, que não tenho prazer na morte do ímpio, mas em que o ímpio se converta do seu caminho, e viva: convertei-vos, convertei-vos dos vossos maus caminhos; pois por que razão morrereis?’ (Ezequiel 33:1 I).

“Que ganharia Deus se admitíssemos que Ele Se deleita em testemunhar incessantes torturas; que Se alegra com os gemidos, gritos e imprecações das sofredoras criaturas por Ele retidas nas chamas do inferno? Poderão esses hórridos sons ser música aos ouvidos do Amor infinito? Insiste-se em que a inflição de intérmina miséria aos ímpios mostraria o ódio de Deus ao pecado, como a um mal ruinoso à paz e à ordem do Universo. Oh, terrível blasfêmia! Como se o ódio de Deus ao pecado seja a razão por que este se perpetua. Pois, segundo os ensinamentos desses teólogos, a contínua tortura, sem esperança de misericórdia, enlouquece suas infelizes vítimas, e, ao derramarem elas sua cólera em maldição e blasfêmias, estão para sempre aumentando sua carga de crimes. A glória de Deus não é encarecida, perpetuando-se desta maneira o pecado, em constante aumento, através de eras intérminas.

“Está além do poder do espírito humano avaliar o mal que tem sido feito pela heresia do tormento eterno. A religião da Bíblia, repleta de amor e bondade, e abundante de misericórdia, é obscurecida pela superstição, e revestida de terror. Ao considerarmos em que cores Satanás esboçou o caráter de Deus, surpreender-nos-emos de que nosso misericordioso Criador seja receado, temido e mesmo odiado? As opiniões aterrorizadoras acerca de Deus, que pelos ensinamentos do púlpito são espalhadas pelo mundo, têm feito milhares, e mesmo milhões de céticos e incrédulos.

“A teoria do tormento eterno é uma das falsas doutrinas que constituem o vinho das abominações de Babilônia, do qual ela faz todas as nações beberem. Apocalipse 14:8; 17:2. Que ministros de Cristo hajam aceito esta heresia e a tenham proclamado do púlpito sagrado, é na verdade um mistério. Eles a receberam de Roma, assim como receberam o falso sábado. É verdade que tem sido ensinada por homens eminentes e piedosos; mas a luz sobre tal assunto não lhes chegou como a nós. Eram responsáveis apenas pela luz que resplandecia em seu tempo; nós o somos pela que brilha em nossa era. Se nos desviamos do testemunho da Palavra de Deus, aceitando falsas doutrinas porque nossos pais as ensinaram, caímos sob a condenação pronunciada sobre Babilônia; estamos a beber do vinho de suas abominações”. O Conflito dos Séculos, págs. 533-536, E. G. White.

Para que o prezado leitor possa melhor avaliar a repugnância da herética e antibíblica doutrina do tormento eterno, citamos a seguir um trecho de um livro para crianças, intitulado “A Cena do Inferno”, publicado em Dublin, Irlanda:

“Criancinha, se fores ao inferno, haverá um diabo ao teu lado, para te bater. Ele continuará batendo-te dia após dia, para todo o sempre, sem nunca parar. A primeira pancada tornará teu corpo tão ruim como o de Jó, coberto da cabeça aos pés de feridas e úlceras. A segunda tornará teu corpo duas vezes pior do que o de Jó [...] Como ficará então o teu corpo depois que o diabo o tenha estado batendo a cada momento por centenas de milhões de anos sem parar?”

Pode haver coisa mais pervertedora e mais destruidora da fé e do amor a Deus do que esta mentira calculada a atemorizar as crianças?

EXPLICAÇÃO DE ALGUMAS PASSAGENS DIFÍCEIS EM RELAÇÃO AO CASTIGO FUTURO DOS ÍMPIOS

Há na Bíblia algumas expressões no tocante à sorte dos injustos, que podem à primeira vista embarçar o leitor e que são freqüentemente citadas pelos imortalistas em apoio à errônea crença da imortalidade da alma e tormento sem fim dos ímpios. Examinemo-las em seguida:

“Eterno”, “para sempre”.

“Então dirá também aos que estiverem à sua esquerda: Apartai-vos de Mim, malditos, para o fogo eterno, preparado para o diabo e seus anjos” (Mateus 25:41).

“E irão estes para o tormento eterno..” (Mateus 25:46). “E o fumo do seu tormento sobe para todo o sempre..” (Apocalipse 14:11).

“De dia e de noite serão atormentados para todo o sempre” (Apocalipse 20:10).

As palavras “eterno” e “para sempre” são traduzidas do grego “aion” ou “aionios”. O último é um adjetivo derivado do primeiro. Estes termos não significam necessariamente “sem fim”. Podem denotar um período de tempo limitado; os lexicólogos assim definem “aion”:

Liddell & Scott: “Um espaço ou período de tempo, especialmente o período de uma vida, aevum, um século, uma geração, longo espaço de tempo, eternidade; no plural, eis tous aionas ton aionon, por séculos dos séculos, para sempre e sempre. (Gálatas 1:5). Também significa um espaço de tempo claramente definido e marcado, uma era, um século, o período de uma dispensação: ho aion houtos, esta presente vida, este mundo”.

Greenfield: “Duração finita ou infinita, ilimitada duração, eternidade, um período de duração, passado ou futuro, tempo, século, idade, o mundo, o universo”.

Schrevelius: “Um século, um longo período de tempo, duração indefinida, tempo, maior ou menor”.

Sommer: “Tempo, vida, duração, século”.

Quando em linguagem bíblica, se quer denotar um período de tempo mais longo que “aion”, emprega-se “eis tous aionas ton aionon”. Isto é o “aion” desdobrado ou multiplicado. É como se disséssemos “milhares de milhares” (Daniel 7:10) para desdobrar “mil”. Mas mesmo “eis tous aionas ton aionon” não designa necessariamente “tempo sem fim”. Pode significar um período de tempo bem prolongado, mas finito.

A palavra hebraica correspondente a “aion” é “holam”, a qual, segundo os lexicólogos, também denota um período de tempo curto ou longo, finito ou infinito.

É muito frequente, na Escritura, o emprego de “eterno” e “para sempre” com referência a coisas temporárias. Consideremos, a seguir, alguns exemplos nesse sentido:

“E aos anjos que não guardaram o seu principado, mas deixaram a sua própria habitação, reservou na escuridão, e em prisões eternas até o juízo daquele grande dia” (Judas 6). As “prisões eternas” têm limite: estendem-se “até o juízo daquele grande dia” (Ver 1 Coríntios 6:3).

“Assim como Sodoma e Gomorra, e as cidades circunvizinhas, que, havendo-se corrompido como aqueles, e ido após outra carne, foram postas por exemplo, sofrendo a pena do fogo eterno” (Judas 7). O “fogo eterno” que destruiu Sodoma e Gomorra, não está mais ardendo. Não é fato? Como se vê, “eterno” aqui se refere ao tempo que o fogo levou para reduzir a cinzas aquelas cidades impenitentes — um período limitado.

“ [...] seu senhor lhe furará a orelha com uma sovela; e o servirá para sempre” (Êxodo 21:6). O “para sempre” aqui tem seu limite no dia da morte.

“E os seus ribeiros se transformarão em pez, e o seu pó em enxofre, e a sua terra em pez ardente. Nem de noite nem de dia se apagará; para sempre o seu fumo subirá; de geração em geração será assolada: de século em século ninguém passará por ela” (Isaías 34:9-10). Como se nota pelos versículos anteriores, o profeta aqui fala tanto da destruição da terra de Edom como dos juízos que sobrevirão a este mundo na segunda vinda de Cristo. Em ambos os casos o “para sempre” denota um período limitado, pois os fogos que destruíram a Idumeia se apagaram assim que acabaram sua obra destruidora; e da mesma maneira se apagarão os fogos do juízo no fim do mundo, porquanto esta Terra será a morada eterna dos santos. (Ver Mateus 5:5; 2 Pedro 3:13, etc.). As palavras “de século em século” significam em ambos os casos um longo período, mas não um tempo sem fim.

Jonas, referindo-se à sua permanência no ventre do peixe, diz: “[...] os ferrolhos da Terra correram-se sobre mim para sempre..” (Jonas 2:6). Mas esse “para sempre” só durou “três dias e três noites” (Jonas 1:17).

Haja vista também que “eterno”, quando usado no sentido de ‘sem fim’, às vezes denota não propriamente a continuidade de um ato mas sim os resultados desse ato. Em Hebreus 5:9, fala-se, por exemplo, de uma “salvação eterna”. E o que é eterno aqui? O ato de salvar ou o resultado da salvação? O resultado, evidentemente. Em Hebreus 6:2, lemos de um “juízo eterno”. Disso entendemos que o que é eterno é o efeito do juízo e não o ato de julgar. O mesmo se compreende em relação à “redenção eterna” de que se fala em Hebreus 9:12. Assim, também, caso o “eterno”, da expressão “fogo eterno”, tivesse o significado de “sem fim”, poderíamos entender que esse fogo será eterno nos seus efeitos, isto é, que os seus resultados serão eternos, pois, em realidade, os ímpios serão aniquilados, ou extintos, e jamais poderão libertar-se desse estado. (Obadias 15, 16).

O “BICHO” QUE “NÃO MORRE” E O “FOGO” QUE “NUNCA SE APAGA”

“E, se a tua mão te escandalizar, corta-a; melhor é para ti entrares na vida aleijado, do que, tendo duas mãos, ires para o inferno, para o fogo que nunca se apaga; onde o seu bicho não morre, e o fogo nunca se apaga” (Marcos 9:43-44).

Esta passagem é freqüentemente citada pelos imortalistas como prova do tormento sem fim dos ímpios.

Os termos que Jesus aqui usou eram bem conhecidos pelos Seus ouvintes, e sabiam perfeitamente o que Ele queria dizer. Entendiam que Ele falava de um aniquilamento ou extinção completa dos ímpios pelos elementos destruidores — o fogo e o bicho. Uma ligeira consideração dos termos usados por Jesus nos leva a esta conclusão.

A palavra “inferno” é aqui traduzida do vocábulo grego “Geena”. O lexicólogo Greenfield assim o define: “Geena, o vale de Hinon, ao sul de Jerusalém, celebrou-se pelo horrendo culto de Moloque, e foi depois poluído por toda espécie de imoralidade e era o receptáculo de todas as carcaças de animais e dos cadáveres de todos os malfeitores. E para consumir essas imundícias, para evitar a peste que certamente seria o resultado da acumulação de tanta imundícia, mantinha-se fogo constantemente ardendo”. E podemos ainda acrescentar: O que o fogo não consumia era devorado pelos vermes. Estes dois agentes da destruição sempre os havia e, portanto, o aniquilamento dos cadáveres ali lançados era completo. Jesus, pois, apontou para estas cenas bem conhecidas por aqueles a quem falava, para fazer-lhes ver a destruição completa reservada para os ímpios no futuro.

Na passagem em referência, Cristo não fala de almas ou espíritos desincorporados, conscientes e imortais (coisas que não existem) a serem lançados no fogo, mas de pessoas concretas. “ [...] é melhor”, diz Ele, “que se perca um dos teus membros do que seja todo o teu corpo lançado no inferno” (Mateus 5:29). Isto relega a ideia popular de que a “alma desincorporada” do injusto é lançada no inferno por ocasião da morte.

Aquelas palavras de Cristo, referentes ao futuro castigo dos ímpios, baseiam-se evidentemente num trecho das Escrituras bem conhecido dos que O ouviam: “E sairão, e verão os corpos mortos dos homens que prevaricaram contra Mim; porque o seu bicho nunca morrerá, nem o seu fogo se apagará; e serão um horror para toda carne” (Isaías 66:24). Isto só se verificará depois do milênio, quando deverão ser criados “os céus novos e a Terra nova” (verso 22). Terá então lugar a ressurreição dos ímpios (Apocalipse 20:5-6), chamada “a ressurreição da condenação” (João 5:29). Então é que será executado sobre eles o juízo. Os injustos estão, pois, reservados “para o dia do juízo, para serem castigados” (2 Pedro 2:9). Descerá então o fogo do céu e os devorará (Apocalipse 20:9). Esta será a “segunda morte” (verso 14), a extinção final dos ímpios. Então Deus fará “perecer na Geena tanto a alma como o corpo” (Mateus 10:28) de todo prevaricador. A “alma”, que é a vida, extinguir-se-á primeiro; depois o corpo. Não haverá almas desincorporadas a arder interminavelmente.

“Mas”, perguntará alguém, “como se entende a expressão: ‘o fogo que nunca se apaga’?” Estas palavras são traduzidas do grego “pur asbeston”, que significam “fogo inextinguível” (Ver Marcos 9:43 — Tradução Brasileira). Biblicamente, “fogo inextinguível” não é um fogo que arde sem nunca se apagar, mas um fogo que não se extingue antes de concluir sua obra destruidora. Encontramos na Bíblia vários casos de fogo inapagável, o qual, entretanto, se apagou ao terminar de consumir a matéria ao seu alcance: “E dize ao bosque do sul: Ouve a palavra do Senhor: Assim diz o Senhor Jeová: Eis que acenderei em ti um fogo que em ti consumirá toda a árvore verde e toda a árvore seca; não se apagará a chama flamejante, antes com ela se queimarão todos os rostos, desde o sul até o norte. E verá toda carne que eu, o Senhor, o acendi; não se apagará” (Ezequiel 20:47, 49). “ [...] o Senhor tem sacrifício em Bozra, e grande matança na terra de Edom [...] os seus ribeiros se transformarão em pez, e o seu pó em enxofre, e a sua terra em pez ardente. Nem de noite nem de dia se apagará; para sempre o seu fumo subirá; de geração em geração será assolada; de século em século ninguém passará por ela” (Isaías 34:6-10). Temos um exemplo ainda mais adequado: a destruição de Jerusalém predita pelo Senhor por meio do profeta Jeremias: “Mas, se não Me derdes ouvidos, para santificardes o dia de sábado, e para não trazerdes carga alguma, quando entrardes pelas portas de Jerusalém no dia de sábado, então acenderei fogo nas suas portas, o qual consumirá os palácios de Jerusalém, e não se apagará” (Jeremias 17:27). A Versão dos Setenta (Septuaginta) usa aqui a mesma expressão que em Marcos 9:43 — “pur asbeston”. Esse “fogo inapagável”, entretanto, se apagou depois de destruir a cidade. O cumprimento dessa predição contra Jerusalém é assim descrito noutra parte das Escrituras: “E queimaram a casa do Senhor, e derrubaram os muros de Jerusalém, e todos os seus palácios queimaram a fogo, destruindo também todos os seus preciosos vasos [...] para que se cumprisse a palavra do Senhor, pela boca de Jeremias ..” (2 Crônicas 36:19-21). O “pur asbeston” é de fato um fogo que não se apaga antes de estar tudo reduzido a cinzas.

DEFINIÇÕES DE “ESPIRITO E “ALMA”

ESPÍRITO

A palavra “espírito” (em hebraico “nechama” ou “ruah”, e em grego “pneuma”) é usada, na Bíblia, com diversos significados, a saber:

O conjunto das faculdades morais e intelectuais, como sejam, índole, caráter, entendimento, pensamento, etc.:

Números 5:13-14; Jó 20:3; Salmos 51:10; Provérbios 17:27; Isaías 19:14; 29:10, 24; Ezequiel 11:5; Oseias 4:12; Sofonias 3:9; Zacarias 12:1; Lucas 1:17; 2:40; 1 Coríntios 2:11, 12; 4:21; 5:3; 2 Coríntios 4:13; 12:18; Efésios 4:23; - TB; Filipenses 1:27; 2 Timóteo 1:7; Tiago 3:16.

Ânimo ou energia:

Gênesis 45:27; Juízes 15:19; 1 Reis 10:5-6; 1 Samuel 30:12; Jó 17:1; Salmos 143:7.

Fôlego:

Jó 14:10; 34:14-15; Eclesiastes 3:19-21 - TB; Eclesiastes 12:7; Salmos 146:4; Lucas 8:55; Tiago 2:26; Apocalipse 11:11.

Princípio vital ou vida:

Jó 10:12 - TB; Jó 12:10; Salmos 31:5, 15; Lucas 8:55; 1 Coríntios 5:5; Tiago 2:26; Apocalipse 13:15.

Poder divino:

Gênesis 1:2; Números 11:25; Isaías 44:3; Isaías 61:1; Atos 11:15-16; 1 Coríntios 6:19.

Anjo:

2 Crônicas 18:18-20; Já 4:15-16; Atos 8:26, 29; Hebreus 1:13, 14.

Nunca, porém, em caso algum, “espírito” significa “uma entidade abstrata e imortal, que continue a viver, em estado de consciência, fora do corpo, depois da morte deste”. “Espírito” neste sentido não existe.

ALMA

A palavra “alma” (em hebraico “nefech”, e em grego “psike”) tem, muitas vezes, na Bíblia, o sentido de “pessoa” ou “criatura”.

Biblicamente, o homem pode gerar almas (Êxodo 1:5); a alma tem sangue para derramar (Gênesis 9:5; Jeremias 2:34); pode ser segurada nos braços e deles arrancada (Ezequiel 13:20); pode comer e beber (Levítico 17:12; Lucas 12:19); pode emagrecer e engordar (Salmos 106:15; Provérbios 11:25); pode-se matá-la (Ezequiel 13:19); pode ser estrangulada (Jó 7:15); ao morrer, a “alma se vai chegando à cova” (Jó 33:22). “Que homem há, que viva, e não veja a morte? Livrará ele a sua alma do poder da sepultura?” (Salmos 89:48).

Não raras vezes “alma” é também empregada, na Bíblia, no sentido de “princípio vital” ou “vida”, presente ou futura, tanto é que os tradutores bíblicos às vezes usam os termos “alma” e “vida” indiferentemente, conforme exemplos a seguir:

Na versão do Pe. J. F. de Almeida, por exemplo, lemos: “ [...] a alma da carne está no sangue..” (Levítico 17:11), enquanto na versão do Pe. Matos Soares a mesma passagem reza: “ [...] a vida da carne está no sangue [...] ”

“E aconteceu que, saindo-lhe a alma (porque morreu) ..” (Gênesis 35:18 - Almeida). Moffatt, por sua vez, traduz: “Sua vida foi-se dela (pois ela morreu) [...] ”

.. a alma do menino tornou a entrar nele, e reviveu” (1 Reis 17:22 - Almeida). Na versão de Moffat, lemos esta mesma passagem como segue: “ [...] a vida do menino voltou, e ele reviveu”.

“Pois que aproveita ao homem ganhar o mundo inteiro, se perder a sua alma? ou que dará o homem em recompensa da sua alma?” (Mateus 16:26 - Almeida). A mesma passagem na Tradução Brasileira: “Que aproveitará o homem, se ganhar o mundo inteiro e perder a sua vida? ou que dará o homem em troca da sua vida?”

“Não vos perturbeis, que a sua alma nele está” (Atos 20:10 - Almeida). O Pe. H. Rohden traduz a mesma passagem: “Não vos perturbeis; ainda está com vida”.

“Às vezes, “alma” é usada, na Bíblia, no mesmo sentido que “coração”, ou seja, o centro dos sentimentos, emoções, afetos, vontade, etc. Ver exemplos em: Levítico 16:29; Números 21:4; Deuteronômio 11:18; Josué 23:14; 1 Samuel 18:1; I Crônicas 22:19; Marcos 12:30; Atos 4:32; Filipenses 1:27 - TB.

Hoje em dia costuma dizer-se “minha pessoa” no sentido de “eu”: “tua pessoa” em vez de “tu”. Assim, também, nos tempos bíblicos, costumava dizer-se “minha alma” por “eu”; “tua alma” por “tu”: “a alma dele” por “ele”. Examinemos a seguir alguns exemplos desta natureza.

“E faze-me um guisado saboroso, como eu gosto, e traze-mo para que eu coma; para que minha alma te abençoe, antes que morra” (Gênesis 27:4).

“ [...] aqui nem pão nem água há; e a nossa alma tem fastio deste pão tão vil”. “Mas agora a nossa alma se seca; coisa nenhuma há senão este maná diante dos nossos olhos” (Números 21:5; 11:6).

“Que homem há, que haja de viver, e não ver a morte; que haja de livrar a sua alma da mão da sepultura?” (Salmos 89:48 - VT).

“E direi à minha alma: Alma, tens em depósito muitos bens para muitos anos; descansa, come, bebe, e folga” (Lucas 12:19).

“ [...] não deixarás a minha alma no inferno (sepultura), nem permitirás que o teu Santo veja corrupção” (Salmos 16:10; Atos 2:27).

“ [...] o sangue das vossas almas..” (Gênesis 9:5). “ [...] todas as almas de seus filhos e de suas filhas foram trinta e três” (Gênesis 46:15).

“ [...] o sangue das almas dos inocentes e necessitados” (Jeremias 2:34).

Dizer “para que minha alma te abençoe” é o mesmo que dizer “para que eu te abençoe”; “nossa alma tem fastio deste pão” é o mesmo que “nós temos fastio deste pão”; a alma do homem que vai para a sepultura é o próprio homem, etc.

Quem pode dizer uma palavra em contrário? Quem é que não entende coisa tão fácil e compreensível?

Em Números 9:6, 7, no original hebraico, fala-se de alguns que se haviam tornado imundos por terem tocado a alma (hebraico “nefech”) de um homem morto. A alma de um homem, em linguagem bíblica, pode, pois, ser o próprio homem.

Nunca, porém, na Bíblia, “alma” significa “uma entidade” imaterial, consciente, imortal e desligável do corpo depois da morte”. O homem não possui essa entidade. Tal coisa não existe. É simples quimera. Não pode ser apresentada uma só passagem bíblica em que a palavra “alma” seja usada nesse sentido.

OS SERES-ESPÍRITOS

Pelas Escrituras Sagradas podemos compreender claramente que, além deste mundo, existem também outros, que são igualmente habitados. Seres vivos os há não só neste globo, mas por todo o Universo. A existência de entes extraterrenos sempre foi, e ainda hoje é, reconhecida por todos os povos. E isto se deve à manifestação desses seres aos homens.

Há, porém, muitas superstições e ideias errôneas no tocante aos seres-espíritos. Creem muitos que um espírito é uma ficção e nada mais. Se assim fosse, não poderiam os seres-espíritos manifestar-se com provas visíveis e tangíveis de sua existência real, como efetivamente se manifestam.

ANJOS

Crê-se também largamente que os “espíritos ministradores, enviados para servir a favor daqueles que hão de herdar a salvação” (Hebreus 1:14), espíritos esses, aos quais Paulo chama “anjos” (verso 13), sejam os espíritos dos mortos. Mas a Bíblia nos diz que já havia anjos antes que qualquer ser humano houvesse morrido. Quando os nossos primeiros pais, por causa da desobediência, foram expulsos do Éden, Deus colocou querubins à porta do jardim, para que guardassem o caminho da árvore da vida (Gênesis 3:24). E quando Deus fundou a Terra, todos os filhos de Deus rejubilavam (Jó 38:4-7). Por aí podemos ver que os anjos não são espíritos de pessoas finadas, mas sim entes criados com a natureza que possuem. Nunca estiveram encarnados em homens. A encarnação ou reencarnação não existe. Diz-nos também a Bíblia que os anjos são maiores do que os homens. (Salmos 8:5; Hebreus 2:7). Eis aqui outra prova de que os anjos não são espíritos desencarnados.

A crença de que os anjos têm natureza abstrata faz parte do conjunto de mentiras satânicas sobre a questão anímica: a imortalidade da alma, o estado consciente dos mortos, o tormento eterno, etc. Há os que souberam precaver-se contra estes enganos, mas não estão completamente livres deste conjunto de mentiras, pois, por influência da crença popular, acreditam que os anjos sejam imateriais, e que assim também seriam os corpos espirituais (1 Coríntios 15:44) dos justos ressuscitados.

Os anjos ou seres-espíritos não são abstratos como geralmente se supõe. São perfeitamente concretos e tangíveis. Isto, todavia, não quer dizer que tenham corpo da corruptível natureza humana. Lucas 24:37, 39. São constituídos de outra substância, gloriosa.

Satanás é um anjo. Antes de sua queda, quando ainda no Céu, sua posição era de “querubim protetor” (Ezequiel 28:16). Ele, porém, de maneira nenhuma é imaterial, mas sim perfeitamente concreto. Isto vemos pela descrição que lhe é feita, como segue: “Estavas no Éden, jardim de Deus; toda a pedra preciosa era a tua cobertura, a sardônia, o topázio, o diamante, a turquesa, o ônix, o jaspe, a safira, o carbúnculo, a esmeralda e o ouro; a obra dos teus tambores e dos teus pífaros estava em ti; no dia em que foste criado foram preparados” (Ezequiel 28:13).

Que os anjos são seres físicos, vemos também pelo fato de eles tomarem alimento. (Gênesis 18:8). O maná é chamado “o pão dos anjos” (Salmos 78:25). Os justos, quando remidos, serão iguais aos anjos (Lucas 20:36), e, no reino de Deus, também hão de comer e beber. “E digo-vos que”, falou Jesus aos discípulos, “desde agora, não beberei deste fruto da vide até aquele dia em que o beba de novo convosco no reino de Meu Pai” (Mateus 26:29). “Ao que vencer”, é a promessa do Salvador, “dar-lhe-ei a comer da árvore da vida, que está no meio do paraíso de Deus” (Apocalipse 2:7), a qual dá “seu fruto de mês em mês” (Apocalipse 22:2). (Ver também Ezequiel 47:12).

Os seres-espíritos são normalmente invisíveis aos olhos humanos. Ao homem, enquanto no pecado, não é dado ver os anjos por ser incapaz de suportar sua glória. Mas o fato de não os podermos ver não quer dizer que não existam; tão pouco quer dizer que sejam imateriais. A invisibilidade de uma coisa não prova a inexistência física da mesma.

Se Deus abrisse nossos olhos, vedados por causa do pecado, então veríamos anjos ao nosso redor, assim como “o Senhor abriu os olhos a Balaão, e ele viu o anjo do Senhor” (Números 22:31).

Um anjo, para tornar-se visível, não se materializa, pois não necessita tornar-se o que já é. Não sofre mudança alguma. O que sofre mudança são os olhos humanos. Fechados, não podem ver os anjos; mas quando abertos, os veem, como aconteceu com Balaão.

Outro caso típico do que vimos de explicar, encontramos no relato acerca da tentativa de captura do profeta Eliseu pelos sírios. A Síria estava em guerra contra Israel, e o profeta, por revelação divina, fazia saber ao rei de Israel todos os planos dos sírios. O rei da Síria suspeitou se tratasse de traição por parte de algum dos seus, e, fazendo ele um inquérito, disse-lhe um dos seus servos: “Não, ó rei, meu senhor; mas o profeta Eliseu, que está em Israel, faz saber ao rei de Israel as palavras que tu falas na tua câmara de dormir”. Disse então o rei: “Vai, e vê onde ele está, para que envie, e mande trazê-lo. E fizeram-lhe saber, dizendo: eis que está em Dotã. Então enviou para lá cavalos, e carros, e um grande exército, os quais vieram de noite, e cercaram a cidade. E o moço do homem de Deus se levantou mui cedo, e saiu, e eis que um exército tinha cercado a cidade com cavalos e carros. Então o seu moço lhe disse: Ai, meu Senhor! que faremos? E ele disse: Não temas; porque mais são os que estão conosco do que os que estão com eles. E orou Eliseu, e disse: Senhor, peço-Te que lhe abras os olhos, para que veja. E o Senhor abriu os olhos do moço, e viu; e eis que o monte estava cheio de cavalos e carros de fogo, em redor de Eliseu” (2 Reis 6:13- 17).

O Senhor tem muitas vezes concedido que anjos se apresentassem visivelmente aos homens, a fim de instruí-los. Assim foi que Deus enviou um anjo ao profeta Daniel para anunciar-lhe os acontecimentos vindouros: “E levantei os meus olhos, e olhei, e vi um homem vestido de linho, e os seus lombos cingidos com ouro fino de Ufaz; e o seu corpo era como turquesa e o seu rosto parecia um relâmpago, e os seus olhos como tochas de fogo, e os seus braços e os seus pés como cor de bronze açacalado; e a voz das suas palavras como a voz duma multidão. E só eu, Daniel, vi aquela visão; os homens que estavam comigo não a viram; não obstante, caiu sobre eles um grande temor, e fugiram, escondendo-se. Fiquei pois eu só, e vi esta grande visão, e não ficou força em mim; e transmudou-se em mim a minha formosura em desmaio, e não retive força alguma. Contudo, ouvi a voz das suas palavras; e, ouvindo a voz das suas palavras, eu caí com o meu rosto em terra, profundamente adormecido” (Daniel 10:5-9).

Aos guardas romanos, que estavam velando sobre o corpo de Jesus, apareceu também um anjo removendo a pedra do sepulcro em que jazia o Salvador. Esse mensageiro celestial é assim descrito: “E eis que houvera um grande terremoto, porque um anjo do Senhor, descendo do Céu, chegou, removendo a pedra, e sentou-se sobre ela. E o seu aspecto era como um relâmpago, e o seu vestido branco como a neve. E os guardas, com medo dele, ficaram muito assombrados, e como mortos” (Mateus 28:2-4).

Estas descrições seriam inteiramente descabidas se os anjos ‘fossem seres abstratos. Outros casos de aparição de anjos são registrados em Números 22:22-31; Juízes 13:3; 2 Samuel 24:16, 17.

Muitas vezes anjos se hão apresentado, aos homens, em forma humana. Escreve Paulo que “alguns, não o sabendo, hospedaram anjos” (Hebreus 13:2). Três anjos apareceram certa vez a Abraão. Este os acolheu, oferecendo-lhes uma refeição, e lemos que “comeram” (Gênesis 18:2-8). Antes da destruição de Sodoma e Gomorra também apareceram a Ló dois anjos. Ló, pensando que fossem homens como ele mesmo, foi-lhes ao encontro e disse: “Eis agora, meus senhores, entrai, peço-vos, em casa de vosso servo, e passai nela a noite, e lavei os vossos pés; e de madrugada vos levantareis e ireis vosso caminho. E eles disseram: Não, antes na rua passaremos a noite. E porfiou com eles muito, e vieram com ele, e entraram em sua casa; e

fez-lhes banquete, e cozeu bolos sem levedura, e comeram” (Gênesis 19:1-3). Certa vez “sucedeu que, estando Josué ao pé de Jericó, levantou os seus olhos, e olhou; e eis que se pôs em pé diante dele um homem que tinha na mão uma espada nua. E chegou-se Josué a Ele, e disse-Lhe: És Tu dos nossos, ou dos nossos inimigos? E disse Ele: Não, mas venho agora como príncipe do exército do Senhor. Então Josué se prostrou sobre o seu rosto na terra, e O adorou, e disse-Lhe: Que diz meu Senhor ao Seu servo? Então disse o príncipe do exército do Senhor a Josué: Descalça os sapatos de teus pés, porque o lugar em que estás é santo. E fez Josué assim” (Josué 5:13-15).

Fala-nos a Bíblia de duas classes de anjos: bons e maus. É que houve uma insurreição contra a autoridade de Deus, e o rebelde, chamado Lúcifer (agora Satanás), “foi precipitado na Terra, e os seus anjos foram lançados com ele” (Apocalipse 12:7-9). “Deus não perdoou aos anjos que pecaram (participando na rebelião), mas, havendo-os lançado no inferno, os entregou às cadeias da escuridão, ficando reservados para o juízo” (2 Pedro 2:4). O “inferno” em que foram lançados é sua reclusão nesta Terra. Não estão em tormento, mas, sim, aguardam o julgamento para então receberem o castigo merecido. O apóstolo Judas, a propósito, assim se expressa: “E aos anjos que não guardaram o seu principado, mas deixaram a sua própria habitação, reservou na escuridão, e em prisões eternas até o juízo daquele grande dia” (Judas 6).

Os anjos são superiores aos homens em sabedoria, poder e glória. (2 Pedro 2:11). Tanto os bons como os maus são dotados de um poder que se chama “espírito”, e, mediante esse poder, operam nos homens. A Bíblia fala de “espíritos de demônios” (Apocalipse 16:14). Por aí, compreende-se que os demônios, ou anjos caídos, possuem espírito. Os anjos podem, assim, pelo espírito que possuem, induzir os homens a pensar, falar e agir. Um exemplo nesse sentido encontramos em I Reis 22:20-22: “E disse o Senhor: Quem induzirá Acabe a que suba e caia em Ramote de Gileade? E um dizia desta maneira e outro de outra. Então saiu um espírito, e se apresentou diante do Senhor, e disse: Eu o induzirei. E o Senhor lhe disse: Com quê? E disse ele: Eu sairei, e serei um espírito de mentira na boca de todos os seus profetas [...]”

Quando um demônio, por meio de seu espírito, opera em alguma pessoa, esta fica possessa ou endemoninhada. Jesus, quando no mundo, curou “muitos endemoninhados” (Mateus 8:16), expulsando deles os demônios, ou seja, os espíritos dos demônios. Lemos que “estava na sinagoga um homem que tinha um espírito de um demônio imundo, e exclamou em alta voz, dizendo: Ah! que temos nós contigo, Jesus Nazareno? Vieste a destruir-nos? Bem sei quem és: o Santo Deus. E Jesus o repreendeu, dizendo: Cala-te, e sai dele. E o demônio, lançando-o por terra no meio do povo, saiu dele sem lhe fazer mal” (Lucas 4:33-35).

A razão por que os anjos são chamados “espíritos” explica-se pela figura de retórica chamada “sinédoque”. Diz-se, por exemplo, segundo esta figura, “cem tetos” por “cem casas”, “cidade de 200.000 almas” em vez de “cidade de 200.000 habitantes”, “um vapor” em vez de “um navio a vapor”, “uma vela” no sentido de “um barco a vela”, etc. Na Escritura Sagrada também aparece esta figura de retórica e outras semelhantes. Os seguidores de Cristo são, por exemplo, chamados “o sal da terra” e “a luz do mundo” (Mateus 5:13-14), termos estes que são simbolicamente empregados para designar o conhecimento, a atitude, o comportamento, os atos, etc., dos cristãos. Outro exemplo: “As palavras que Eu vos disse”, falou Jesus aos Seus discípulos, “são espírito e vida” (João 6:63). Acompanhadas do poder do Espírito Santo, as palavras de Cristo transformam o caráter do homem, preparando-o para a vida eterna. Neste sentido são espírito e vida.

Os anjos, por sua vez, são chamados “espíritos”, justamente por serem dotados de espírito. Seria, porém, tão impróprio alguém pensar que um anjo é literalmente espírito, e, portanto, abstrato, como seria também impróprio pensar que os cristãos são literalmente sal ou luz.

CRISTO

De Cristo está escrito que Ele foi feito “Espírito vivificante” (1 Coríntios 15:45). No entanto, João apóstolo, que O vira em visão, descreve-O como sendo um ente pessoal concreto: “E no meio dos sete castiçais (vi) um semelhante ao Filho do homem, vestido até aos pés de um vestido comprido, e cingido pelos peitos com um cinto de ouro. E a Sua cabeça e cabelos eram brancos como lã branca, como a neve, e os Seus olhos como chama de fogo; e os Seus pés, semelhantes a latão reluzente, como se tivessem sido refinados numa fornalha, e a Sua VOZ como a voz de muitas águas [...] e o Seu rosto era como o Sol, quando na sua força resplandece” (Apocalipse 1:13-16).

O PAI

Deus Pai também é espírito (João 4:24), e, não obstante, é um ser pessoal, físico, não só porque Cristo é “a expressa imagem de Sua pessoa” (Hebreus 1:3), mas também porque o Pai é descrito como tal (Daniel 7:9).

“ALMA” E “ESPÍRITO” HUMANOS

Como já mostramos em páginas anteriores, a Escritura freqüentemente usa “alma” como sinônimo de homem ou criatura. Isto se deve ao fato de que tanto o homem como os brutos são dotados de uma alma, um princípio de vida animal. Temos, pois, aqui, o mesmo caso de sinédoque. Há também alguns casos em que a Bíblia, pela mesma figura de retórica, usa “espíritos” como sinônimo de “homens”.

Por oportuno, achamos conveniente mencionar que na Bíblia, às vezes, há equivalência entre “alma” e “espírito”, quando estes termos são empregados para significar “vida”. Noutros sentidos, porém, a Bíblia faz distinção entre um e outro. Diz Paulo que a palavra de Deus “penetra até a divisão de alma e espírito” (Hebreus 4:12 - TB). E para se dividir a alma do espírito é preciso que sejam duas coisas distintas. Noutro lugar o apóstolo exorta os crentes assim: “E o mesmo Deus de paz vos santifique em tudo; e todo o vosso espírito, e alma, e corpo, sejam plenamente conservados irrepreensíveis para a vinda de nosso Senhor Jesus Cristo” (1 Tessalonicenses 5:23). O “espírito” é aqui o “eu consciente, pensante, etc.”, e a “alma” é o “eu sensível, emocional, etc.”.

Em grego, a alma é “psike” e o espírito é “pneuma”. O apóstolo Paulo fala do nosso corpo atual como sendo um “corpo animal” (soma psikikon), e do nosso corpo futuro como sendo um “corpo espiritual” (soma pneumatikon). 1 Coríntios 15:44. Se, pois, não houvesse nenhuma distinção entre a alma e o espírito, também não haveria distinção alguma entre corpo animal e corpo espiritual. Em 1 Coríntios 2: 14-15 encontramos a mesma distinção: “Ora o homem natural (psikikos) não compreende as coisas do Espírito de Deus [...] Mas o que é espiritual (pneumatikos) discerne bem tudo [...]” Em Judas 19 há outro exemplo.

NECROMANCIA ANTIGA E MODERNA

Desde que Satanás lançou no Éden a grande mentira da imortalidade da alma — “certamente não morreréis” — ele tem procurado sustentar esta falsidade, fazendo aparecer, aos habitantes da Terra, anjos caídos (demônios) em forma de pessoas falecidas, para fazê-los crer que o homem, ao morrer, realmente desprende uma “alma” imortal que sobrevive ao corpo em estado de consciência. Os demônios têm poder para reproduzir com exatidão a aparência, os gestos, as expressões, o tom da voz, etc. A contrafação é perfeita. Ao mando de Satanás, eles se manifestam aos vivos, arvorados em “almas” ou “espíritos” desincorporados de parentes ou amigos que desceram à sepultura. Pretendem estar felizes a gozar as venturas do Céu, e dizem que são mandados à Terra como “espíritos ministradores, enviados para servir em favor daqueles que hão de herdar a salvação”. Conhecem com precisão o passado dos viventes, em todos os seus detalhes, e podem relatar-lhes todos os incidentes de sua vida desde o início. Nenhum mistério há para eles neste sentido. Pretendem alimentar profundo interesse pelo bem-estar deles e dizem que são comissionados para sobre eles pairar, iluminá-los, e confortá-los nas horas amargas. Muitas vezes lhes dão bons conselhos e os advertem contra o mal. Assim, ganham a confiança daqueles com quem se comunicam, e, em seguida, lhes ensinam coisas que estão em contraste direto com a Palavra de Deus, arrastando-os, desta maneira, para a perdição. Esses espíritos enganadores põem de lado a Lei de Deus, desprezam o Espírito da graça, têm em conta de profano o sangue do concerto, refugam a mediação de nosso Salvador no santuário celestial e negam a divindade de Cristo. Nenhuma distinção fazem entre o justo e o injusto, entre o puro e o impuro, entre o santo e o profano.

A necromancia e feitiçaria da antiguidade, e todas as formas de sortilégio e idolatria que, desde tempos remotos, se haviam espalhado entre as nações da Terra, giravam em torno da comunicação com demônios personificando parentes ou amigos mortos. Aqueles que se entregavam a essa prática pretendiam ser instruídos e iluminados por espíritos de pessoas falecidas. Os deuses dos pagãos eram os pretensos espíritos dos heróis que haviam morrido. Em suma, a religião dos pagãos era, e ainda hoje é, o culto aos mortos. Isto podemos notar pelas Escrituras Sagradas. Está escrito que os moabitas “convidaram o povo (de Israel) aos sacrifícios dos seus deuses; e o povo comeu, e inclinou-se aos seus deuses. Juntando-se pois Israel a Baalpeor [...]” Números 25:1-3. Esses “deuses” eram justamente os mortos, pois o salmista, referindo-se àquela experiência dos israelitas, diz: “Juntaram-se com Baalpeor, e comeram os sacrifícios oferecidos aos mortos” (Salmos 106:28). Israel participava dos sacrifícios dos “mortos”, que eram os “deuses” dos pagãos. A Bíblia declara que o culto aos mortos é culto aos demônios. “As coisas que os gentios sacrificam”, diz o apóstolo, “as sacrificam aos demônios, e não a Deus. E não quero que sejais participantes com os demônios” (1 Coríntios 10:20). Supondo render culto aos mortos, cultuavam em realidade os demônios.

Aos israelitas Deus proibira terminantemente cultuar ou consultar os mortos. Lemos isto em diversas partes da Bíblia. E a desobediência a esta proibição era punida com pena de morte. Tão abominável é aos olhos do Senhor essa prática idólatra! Escreveu o profeta Isaías: “Quando vos disserem: Consultai os que têm espíritos familiares e os adivinhos, que chilreiam e murmuram entre dentes; — não recorrerá um povo ao seu Deus? A favor dos vivos interrogar-se-ão os mortos? À Lei e ao Testemunho! se eles não falarem segundo esta palavra, nunca verão a alva” (Isaías 8:19-20). E lemos noutra parte: “Quando entrares na terra que o Senhor teu Deus te der, não aprenderás a fazer conforme as abominações daquelas nações. Entre ti se não achará quem faça passar pelo fogo o seu filho ou a sua filha, nem adivinhador, nem prognosticador, nem agoureiro, nem feiticeiro, nem encantador de encantamentos, nem quem consulte um espírito adivinhante, nem mágico, nem quem consulte os mortos: pois todo aquele que faz tal coisa é abominação ao Senhor, e por estas abominações o Senhor teu Deus as lança fora de diante dEle [...] Porque estas nações, que hás de possuir, ouvem os prognosticadores e os adivinhadores; porém, a ti o Senhor teu Deus não permitiu tal coisa” (Deuteronômio 18:9-14). “Quando, pois, algum homem ou mulher em si tiver um espírito adivinho, ou

for encantador, certamente morrerão; com pedras se apedrejarão; o seu sangue é sobre eles” (Levítico 20:27).

Essa antiga idolatria pagã penetrou também sob o nome de “missa pelos mortos” e “invocação aos santos”, na professa igreja cristã, e a necromancia e feitiçaria da antiguidade, através das portas da grande mentira da imortalidade da alma, introduziu-se também, sob o nome de “espiritismo”, entre os cristãos. Tanto a idolatria e necromancia antiga, como o espiritismo moderno, giram em torno da pretensa comunicação com os mortos e têm por base a mentira lançada por Satanás no Éden: “Certamente não morrereis”. O aparecimento do espiritismo entre os cristãos professos está predito na Bíblia: “[...] nos últimos tempos”, escreve o apóstolo Paulo, “apostatarão alguns da fé, dando ouvidos a espíritos enganadores, e a doutrinas de demônios” (1 Timóteo 4:1). A operação de abundantes e grandes maravilhas por Satanás, mediante o espiritismo, os padres milagreiros e operadores de prodígios em geral, declara o apóstolo Paulo ser um dos sinais da breve volta do Salvador. Há hoje muitos operadores de milagres que não se dizem espíritas, mas, de qualquer maneira, o poder mediante o qual fazem seus prodígios, vem de Satanás. O apóstolo João, falando do poder efetuator de milagres que havia de surgir nos últimos dias, escreve: “Faz grandes sinais, de maneira que até fogo faz descer do céu à terra, à vista dos homens. E engana os que habitam na Terra com sinais que lhe foi permitido que fizesse” (Apocalipse 13:13-14). E Cristo, respondendo à pergunta dos discípulos: “Que sinal haverá da Tua vinda e do fim do mundo?”, disse, entre outras coisas, o seguinte: “Porque surgirão falsos cristos e falsos profetas, e farão tão grandes sinais e prodígios que, se possível fora, enganariam até os escolhidos” (Mateus 24:24).

O espiritismo opera coisas admiráveis: Ruídos que revelam certa inteligência -- por exemplo: toda a classe de golpes e imitação de sonidos; movimento de objetos, também com sinais de inteligência, tais como: mesas, sofás, cadeiras, etc.

são movidos do lugar, levantados do chão, empurrados, etc.; o abrir e fechar de portas; o uso de instrumentos de música; o abrir de uma caixa de dinheiro bem fechada; o escrever com pena ou lápis sobre papel, ou com giz sobre a lousa, etc.; diferentes atividades musculares, nervosas e espirituais dos médiuns, independentes de qualquer influência de outros seres terrestres, seguidas pelo falar, escrever, pregar, ler, filosofar e profetizar dos médiuns; aparição do braço ou mão de um espírito ou da forma humana completa; conversação entre pessoas defuntas; contato com entes mortais e outras provas sensíveis de sua existência; intervenções cirúrgicas; mensagens de consolação; avisos de acontecimentos futuros e desconhecidos, que se confirmam mais tarde; receitas de remédios de bom efeito; advertências contra perigos; etc. tudo isto sem intervenção de mãos ou inteligência humana.

Estes fenômenos notáveis se têm realizado na presença de fisiólogos, químicos, físicos, matemáticos, naturalistas, etc., e todos estes têm confirmado que, pelo espiritismo, atuam maravilhosas forças invisíveis. O espiritismo conta hoje com muitos milhões de adeptos.

O espiritismo reveste-se de uma capa de sabedoria, e, sob forma de uma ciência elevada, tem penetrado também nos círculos intelectuais, atraindo muitas pessoas de todos os ramos do conhecimento. Muitos visitam centros espíritas por mera curiosidade apenas e se esforçam para explicar as manifestações que ali se verificam, dizendo que não se trata de outra coisa senão de embuste por parte do médium. É verdade que muitas vezes têm sido apresentados artifícios fraudulentos como manifestações extraordinárias. Mas tem igualmente havido muitas e inegáveis exibições de poder sobrenatural. E quando os duvidosos as defrontam, são levados a aceitá-las como manifestações do grande poder de Deus. Assim é que milhares e mais milhares, de todas as classes sociais e graus de cultura, inclusive ateus declarados, caem na arapuca do príncipe das trevas. São enganados não pelo que o espiritismo pretende fazer, mas pelo que faz na realidade. Tal já não aconteceria se tivessem conhecimento das preciosas verdades contidas nas Escrituras Sagradas, pois estas lhes serviriam de escudo contra os dardos de mentira do maligno.

Não se pode negar que o espiritismo é pródigo na prática da caridade, mas nem por isso deixa de ser um sistema satânico. Satanás não se revela aos homens tal qual ele é na realidade, pois, se o fizesse, ninguém cairia nas suas ciladas. Um sepulcro pode estar limpo e caiado por fora, e cheio de “ossos de mortos e de toda imundícia” (Mateus 23:25-27) por dentro. Assim, também, Satanás pode servir-se da capa do bem para debaixo dela introduzir o mal: pode, sob a máscara de algumas verdades, introduzir muitas e perigosas mentiras. Isto “não é maravilha, porque o próprio Satanás se transfigura em anjo de luz” (2 Coríntios I 1: 14). Jesus estabeleceu uma regra que nos permite discernir entre o falso e o verdadeiro em matéria de religião: “Por seus frutos os conhecereis” (Mateus 7:16).

E quais são os frutos do espiritismo? Vícios destruidores do corpo e do espírito, crimes de toda espécie, adultério, suicídio, demência, etc. O espiritismo, mais do que qualquer outra coisa, é que está a encher os hospícios.

Os demônios, com o seu espírito (poder), operam nos homens, induzindo-os a praticar toda sorte de males para sua própria destruição e da dos outros. No tempo de Jesus havia muitas pessoas possuídas de demônios. Estes faziam seus cativos, como joguetes nas suas mãos, sofrer de muitas maneiras. A “muitos endemoninhados” (Mateus 8:16) Jesus curou. Certa vez saíram-lhe ao encontro “dois endemoninhados, vindos dos sepulcros; tão ferozes eram que ninguém podia passar por aquele caminho” (Mateus 8:28). Eram homens de mente transtornada, andando nus, espumando pela boca, e com o corpo todo ferido. Não era apenas um demônio que os atormentava, mas “muitos”, uma “legião” (Marcos 5:9). Jesus expulsou esses espíritos imundos e lhes permitiu que entrassem numa manada de porcos que ali pastava; “e a manada se precipitou por um despenhadeiro no mar” e afogaram-se. E eis aqueles dois homens, que eram atormentados pela legião de demônios, assentados aos pés de Cristo, vestidos, serenos e “em perfeito juízo” (verso 15). Noutra ocasião um homem trouxe seu filho perante Jesus, dizendo: “Senhor, tem misericórdia de meu filho, que é lunático e sofre muito; pois muitas vezes cai no fogo, e muitas vezes na água”; “o meu filho [...] tem um espírito mudo; e este, onde quer que o apanha, despedaça-o, e ele espuma, e range os dentes, e vai-se secando; e eu disse aos Teus discípulos que o expulsassem, e não puderam. E Ele, respondendo-lhes, disse: Ó geração incrédula! até quando estarei convosco? Até quando vos sofrerei ainda? Trazei-Mo. E trouxeram-Lho; e, quando Ele O viu, logo o espírito o agitou com violência, e, caindo o endemoninhado por terra, revolvendo-se, espumando [...] E Jesus, vendo que a multidão concorria, repreendeu o espírito imundo, dizendo-lhe: Espírito mudo e surdo, Eu te ordeno: Sai dele, e não entres mais nele. E ele, clamando, e agitando-o com violência, saiu; e ficou o menino como morto, de tal maneira que muitos diziam que estava morto. Mas Jesus, tomando-o pela mão, o ergueu, e ele se levantou. E, quando entrou em casa, os Seus discípulos Lhe perguntaram à parte: Por que o não pudemos nós expulsar? E disse-lhes: Esta casta (de demônios) não pode sair com coisa alguma, a não ser com oração e jejum” (Mateus 17:14-21; Marcos 9:17-29). Outro caso é relatado no Evangelho de Lucas: “E estava na sinagoga um homem que tinha um espírito de um demônio imundo, e exclamou em alta voz dizendo: Ah! Que temos nós contigo, Jesus Nazareno? vieste a destruir-nos? Bem sei Quem és: o Santo de Deus. E Jesus o repreendeu, dizendo: Cala-te, e sai dele. E o demônio, lançando-o por terra no meio do povo, saiu dele sem lhe fazer mal” (Lucas 4:33-35). Além destes, Jesus curou muitos outros.

Hoje em dia muitos há que pretendem ter de Deus o poder de expelir espíritos imundos, mas, em realidade, não os expelem efetiva e definitivamente. Os demônios apenas fingem que são expulsos. Retiram-se voluntariamente e voltam mais tarde. Satanás, assim procedendo, tem em mira infundir na mente dos homens a ideia de que as pessoas que aparentemente expulsam demônios, o fazem pelo poder de Deus, e que, por isso, os ensinamentos dessas pessoas devem ser verdadeiros. E, assim, muitas pessoas iludidas pela manifestação de poder sobrenatural, caem no laço de Satanás, aceitando a mentira por verdade. Mas alguém poderá agora perguntar: “Quando alguém expulsa demônios e opera maravilhas, como se há de saber se o faz pelo poder de Deus ou pelo poder de Satanás?” — uma pergunta, aliás muito justa. A resposta é esta: “pelos seus frutos os conhecereis” (Mateus 7:20); e ainda esta: “Todo aquele que prevarica, e não persevera na doutrina de Cristo, não tem a Deus; quem persevera na doutrina de Cristo, esse tem tanto ao

Pai como ao Filho” (2 João 9). Se alguém, cuja conduta seja reprovável, sendo bebedor, fumante ou tendo outros vícios, e sendo transgressor da Lei de Deus, e cujos ensinamentos e fé estejam em contraste com a “sã doutrina” (2 Timóteo 4:3) contida na Bíblia, disser que expulsa demônios e opera grandes maravilhas, ainda que o faça em nome de Jesus, podemos ter a certeza de que as suas obras são efetuadas pelo poder do maligno. Disse Jesus a este respeito: “Portanto, pelos seus frutos os conhecereis. Nem tudo o que Me diz: Senhor, Senhor! entrará no reino dos Céus, mas aquele que faz a vontade de Meu Pai, que está nos céus. Muitos Me dirão naquele dia: Senhor, Senhor, não profetizamos nós em Teu nome? e em Teu nome não expulsamos demônios? e em Teu nome não fizemos muitas maravilhas? E então lhes direi abertamente: Nunca vos conheci; apartai-vos de Mim, vós que praticais a iniquidade” (Mateus 7:20-23).

Citamos atrás alguns exemplos de possesos atormentados pelos demônios que sobre eles exerciam influência. Contudo, nem todos os endemoninhados padecem. Aqueles que se submetem inteiramente à influência dos espíritos malignos, fazendo toda a sua vontade, não precisam sofrer. Desta sorte era Simão o mago (Atos 8:9-10); o feiticeiro Elimas, ao qual o apóstolo Paulo disse: “ó filho do diabo, cheio de todo o engano e de toda a malícia, inimigo de toda a justiça, não cessarás de perturbar os retos caminhos do Senhor? Eis aí, pois, agora contra ti a mão do Senhor, e ficarás cego, sem ver o sol por algum tempo. E no mesmo instante a escuridão e as trevas caíram sobre ele, e, andando à roda, buscava a quem o guiasse pela mão” (Atos 13:10-11); e também a jovem pitonisa de Filipos, “que tinha espírito de adivinhação”, e, “adivinhandando, dava grande lucro aos seus senhores” (Atos 16:16).

Os que antigamente se entregavam às artes da necromancia e sortilégio tinham lugar preeminente junto aos governos das nações. Quando Moisés, no tempo da libertação dos israelitas da servidão egípcia, se apresentou, como enviado de Deus, a Faraó, com sinais operados pelo poder do Senhor em testemunho de sua missão, o rei do Egito mandou chamar os seus feiticeiros, e estes, de início, contrafizeram, pelo poder de Satanás, aqueles prodígios. Lemos a este respeito: “E o Senhor falou a Moisés e a Arão, dizendo: Quando Faraó vos falar, dizendo: Fazei por vós algum milagre; dirás a Arão: Toma a tua vara, e lança-a diante de Faraó; e se tornará em serpente. Então Moisés e Arão entraram a Faraó, e fizeram `assim como o Senhor ordenara; e lançou Arão a sua vara diante de Faraó, e diante dos seus servos, e tornou-se em serpente. E Faraó também chamou os sábios e encantadores; e os magos do Egito fizeram também o mesmo com os seus encantamentos. Porque cada um lançou sua vara, e tornaram-se em serpentes; mas a vara de Arão tragou as varas deles. Porém o coração de Faraó se endureceu, e não os ouviu, como o Senhor tinha dito. Então disse o Senhor a Moisés: O coração de Faraó está obstinado; recusa deixar ir o povo. Vai pela manhã a Faraó; eis que ele sairá às águas; põe-te em frente dele na praia do rio e tomarás em tua mão a vara que se tornou em cobra. E lhe dirás: O Senhor, o Deus dos hebreus, me tem enviado a ti, dizendo: Deixa ir o Meu povo, para que Me sirva no deserto; porém eis que até agora não tens ouvido. Assim diz o Senhor: Nisto saberás que Eu sou o Senhor: Eis que eu com esta vara, que tenho em minha mão, ferirei as águas que estão no rio e tornar-se-ão em sangue; e os peixes, que estão no rio, morrerão, e o rio cheirá mal; e os egípcios nausear-se-ão, bebendo a água do rio. Disse mais o Senhor a Moisés: Dize a Arão: Toma tu a vara, e estende a tua mão sobre as águas do Egito, sobre as suas correntes, sobre os seus rios, e sobre os seus tanques, e sobre todo o ajuntamento das suas águas, para que se tornem em sangue; e haja sangue em toda a terra do Egito; assim nos vasos de madeira como nos de pedra. E Moisés e Arão fizeram assim como o Senhor tinha mandado; e levantou a vara, e feriu as águas que estavam no rio, diante dos olhos de Faraó, e diante dos olhos de seus servos; e todas as águas do rio se tornaram em sangue. E os peixes, que estavam no rio, morreram, e o rio fedeu, e os egípcios não podiam beber a água do rio; e houve sangue por toda a terra do Egito. Porém os magos do Egito também fizeram o mesmo com os seus encantamentos; de maneira que o coração de Faraó se endureceu, e não os ouviu, como o Senhor tinha dito” (Êxodo 7:8-22).

E, depois disto, “Arão estendeu a sua mão sobre as águas do Egito, e subiram rãs, e cobriram a terra do Egito. Então os magos fizeram o mesmo com os seus encantamentos, e fizeram subir rãs sobre a terra do Egito. E Faraó chamou a Moisés e Arão, e disse: Rogai ao Senhor que tire as rãs de mim e do meu povo; depois deixarei ir o povo, para que sacrifiquem ao Senhor” (Êxodo 8:6-8). Mas a terceira praga, a dos piolhos,

os magos já não a puderam imitar. “Arão estendeu a sua mão com a sua vara, e feriu o pó da terra, e havia muitos piolhos nos homens e no gado; todo o pó da terra se tornou em piolhos em toda a terra do Egito. E os magos fizeram também encantamentos para produzirem piolhos, mas não puderam; e havia piolhos nos homens e no gado. Então disseram os magos a Faraó: Isto é o dedo de Deus” (Êxodo 8:17-19). O poder de Satanás é limitado; nem tudo ele é capaz de arremedar. Depois destas coisas operaram-se ainda sete outras maravilhas pelo poder de Deus (capítulos 8 a 12), mas os magos não as puderam imitar nem conseguiram deter as pragas enviadas pelo Senhor.

Também junto à corte de Babilônia havia os que praticavam diversas formas de magia. Lemos que “no segundo ano do reinado de Nabucodonosor teve Nabucodonosor uns sonhos; e o seu espírito se perturbou, e passou-se-lhe o seu sono. E o rei mandou chamar os magos, e os astrólogos, e os encantadores, e os caldeus, para que declarassem ao rei qual tinha sido o seu sonho; e eles vieram e se apresentaram diante do rei. E o rei lhes disse: Tive um sonho, e para saber o sonho está perturbado o meu espírito. E os caldeus disseram ao rei em siríaco: ó rei, vive eternamente! dize o sonho a teus servos, e daremos a interpretação. Respondeu o rei, e disse aos caldeus: O que foi me tem escapado; se me não fizerdes saber o sonho e a sua interpretação, sereis despedaçados, e as vossas casas serão feitas um monturo; mas se vós me declarardes o sonho e a sua interpretação, receberéis de mim dons, e dádivas, e grande honra. Portanto declarai-me o sonho e a sua interpretação”. “Responderam os caldeus na presença do rei, e disseram: Não há ninguém sobre a Terra que possa declarar a palavra ao rei; pois nenhum rei há, senhor ou dominador, que requeira coisa semelhante de algum mago, ou astrólogo, ou caldeu. Porquanto a coisa que o rei requer é difícil, ninguém há que a possa declarar diante do rei, senão os deuses, cuja morada não é com a carne. Então o rei muito se irou e enfureceu, e ordenou que matassem a todos os sábios de Babilônia” (Daniel 2:1-6, 10-12). Mas aquilo que os magos, pelo limitado poder de Satanás, não puderam fazer, Daniel, servo de Deus, o pôde pelo ilimitado poder do Senhor. O capitão da guarda real “introduziu Daniel na presença do rei, e disse-lhe assim: Achei um dentre os filhos dos cativos de Judá, o qual fará saber ao rei a interpretação. Respondeu o rei, e disse a Daniel (cujo nome era Beltessazar): Podes tu fazer-me saber o sonho que vi e a sua interpretação? Respondeu Daniel na presença do rei, e disse: O segredo que o rei requer, nem sábios, nem astrólogos, nem magos, nem adivinhos o podem descobrir ao rei; mas há um Deus nos céus, o Qual revela os segredos; Ele, pois, fez saber ao rei Nabucodonosor o que há de ser no fim dos dias. O teu sonho e as visões da tua cabeça na tua cama são estas..” (Versos 25 a 28).

Os que praticam a feitiçaria e magia em suas diversas formas, quer consultando os pretensos espíritos dos mortos, quer baseando-se nos movimentos dos astros, quer tirando informações de outros quaisquer sinais convencionais de Satanás, serão todos destruídos, pois Deus abomina estas coisas. “Deixa-te estar com os teus encantamentos, e com a multidão das tuas feitiçarias em que trabalhaste desde a tua mocidade, a ver se podes tirar proveito, ou se porventura te podes fortificar. Cansaste-te na multidão dos teus conselhos; levantem-se pois agora os agoureiros dos Céus, os que contemplavam os astros, os prognosticadores das luas novas, e salvem-te do que há de vir sobre ti. Eis que serão como a pragana, o fogo os queimará; não poderão salvar a sua vida do poder da labareda..” (Isaías 47:12-14).

A PROMESSA DE CRISTO AO LADRÃO NA CRUZ

Não obstante toda a evidência bíblica de que os justos não vão para o Céu por ocasião da morte, quase toda a cristandade mantém opinião contrária a isto e, aparentemente, encontram na Bíblia alguns pontos de apoio para sua crença. Aponta-se frequentemente à promessa de Cristo ao ladrão na cruz: “Em verdade te digo: hoje estarás comigo no Paraíso” (Lucas 23:43 - MS).

O Paraíso é o lugar onde se encontra a árvore da vida (Apocalipse 2:7). A árvore da vida está junto ao rio da vida, que promana do trono de Deus (Apocalipse 22:1-2). O Paraíso está, pois, no lugar em que Deus tem Seu trono. Se, portanto, Jesus e o ladrão convertido foram ao Paraíso, então subiram à presença do Pai.

Resta agora explicar como Jesus poderia ter dito ao ladrão que naquele mesmo dia estaria com Ele no Paraíso, e, conseqüentemente, na presença do Pai, se, três dias depois, disse a Maria: “Não Me detenhas, porque ainda não subi para Meu Pai [...]” (João 20:17), E que na passagem de Lucas 23:43, os dois pontos (:) estão deslocados por falta do tradutor, devendo o texto em questão ser lido como segue: “Em verdade te digo hoje: estarás comigo no Paraíso”. Várias traduções, aliás, rezam assim. O “hoje” não é o dia em que o ladrão estaria com Cristo no Paraíso, mas sim o dia em que Cristo lhe fez a promessa.

Sentimo-nos perfeitamente justificados em insistir nesta pontuação, pois o texto original não contém sinais de pontuação. Estes sinais só foram introduzidos no século quinze.

Alguém poderá, todavia, perguntar ironicamente: “Será que o ladrão na cruz não sabia que o dia em que Jesus lhe estava falando era hoje?” A isto respondemos que, na Bíblia, há frequentes expressões desta mesma espécie. Exemplos: “Voltai à fortaleza, ó presos de esperança; também hoje vos anuncio que vos recompensarei em dobro” (Zacarias 9:12). “ [...] todos quantos hoje me estão ouvindo..” (Atos 26:29). Ver também Deuteronômio 8:1, 11; 9:1, etc.

MOISÉS E ELIAS NO MONTE DA TRANSFIGURAÇÃO

Outra passagem da qual muitos procuram tirar conclusão errônea, para sustentar a falsa crença na sobrevivência de uma alma abstrata, consciente e imortal, é esta: “E transfigurou-Se (Jesus) diante deles; e o Seu rosto resplandeceu como o Sol, e os Seus vestidos se tornaram brancos como a luz. E eis que lhes apareceram Moisés e Elias, falando com Ele” (Mateus 17:2-3).

Moisés tinha morrido já havia muitos séculos e, pergunta-se, como poderia ele ter aparecido, nessa ocasião, na presença de Jesus, no monte da transfiguração? Pretende-se, pois, tirar desse fato argumentos em favor da doutrina da imortalidade da alma. Crê-se que foi a “alma” de Moisés que apareceu ali. Mas a dita passagem não nos oferece nenhuma base para esse ponto de vista. Deixemos a Bíblia explicar-se por si mesma, a fim de lançar luz sobre este ponto.

Elias, todos sabem, “subiu ao Céu num redemoinho” (2 Reis 2:11), sem ver a morte. Por isso, não é de estranhar que ele ali aparecesse. Mas, insiste-se, Moisés morreu e foi sepultado (Deuteronomio 34:5-6). Como, pois, se há de explicar o aparecimento dele no monte, caso se negue a existência de uma alma abstrata, consciente e imortal a desligar-se do corpo depois da morte deste? Aos saduceus, que negavam a ressurreição, isto seria inexplicável: mas àqueles que creem na ressurreição, o aparecimento de Moisés não constitui mistério.

Moisés foi sepultado, mas não foi deixado na sepultura. O arcanjo Miguel, que é Cristo, disputou com o diabo “a respeito do corpo de Moisés” (Judas, verso 9), e, entende-se necessariamente, o libertou de seu poder, ressuscitando-o e trasladando-o para o Céu. “[...] a morte reinou desde Adão até Moisés” (Romanos 5:14). Moisés foi o primeiro a quebrar a cadeia da morte que até aí se estendera em linha ininterrupta. Moisés, pois, pôde aparecer a Jesus e aos que com Ele se achavam no monte, visto ter sido ressuscitado. Convém notar, todavia, que a ressurreição e trasladação de Moisés, e o arrebatamento de Elias, sem ver a morte, são casos excepcionais.

Para negar a ressurreição de Moisés, os imortalistas citam as passagens que rezam: “Mas agora Cristo ressuscitou dos mortos, e foi feito as primícias dos que dormem” (I Coríntios 15:20). “[...] Jesus Cristo [...] é [...] . o primogênito dos mortos..” (Apocalipse 1:5). Mas estes textos não provam que não tenha havido ressurreição antes de Cristo. Jesus é “as primícias” em relação à grande colheita na ressurreição geral. A colheita geral, como no tipo, deve ter suas primícias. Essas primícias, entretanto, não necessitam ser o primeiro que jamais tenha ressuscitado, mas sim o primeiro a ressuscitar por conta da ressurreição geral, como penhor da mesma.

Outrossim, “primogênito” e “primícias” nem sempre denotam antecedência de tempo. Podem também significar preeminência. Ver exemplos em Êxodo 4:22; Jeremias 31:9; Hebreus 12:23; Tiago 1:18; Apocalipse 14:14. Poderíamos, pois, entender que as palavras “primogênito” e “primícias” designam antes posição de destaque que prioridade.

Mas, como quer que se interpretem as referidas expressões, não há dúvida de que houve ressurreições antes de Cristo ter ressurgido dentre os mortos, pois a Bíblia o confirma. Disse Paulo que as “mulheres receberam pela ressurreição os seus mortos” (Hebreus 11:35). E, de fato, as Escrituras relatam vários casos de ressurreição: 1 Reis 17:22; 2 Reis 4:35; 13:21; Lucas 7:14; 8:55; João 11:43, 44.

Admite-se geralmente que a transfiguração foi uma demonstração em miniatura da segunda vinda de Cristo. Disse Jesus aos Seus discípulos: “Em verdade vos digo que alguns há, dos que aqui estão, que não provarão a morte até que vejam vir o Filho do homem no seu reino” (Mateus 16:28). Isto se cumpriu quando da transfiguração. Jesus então apareceu a três de Seus discípulos na majestade em que há de vir dos céus na consumação dos séculos. A aparência de Jesus transfigurado é descrita em termos semelhantes à descrição

que Lhe é feita pelo apóstolo João, que O vira em visão na ilha de Patmos. (Mateus 17:2 e Apocalipse 1:13-16). Moisés e Elias representam as duas classes de salvos que hão de reunir-se com Jesus na Sua vinda. O primeiro simboliza os justos ressuscitados e o segundo os justos vivos transformados nessa ocasião. (1 Coríntios 15:51, 54; 1 Tessalonicenses 4:16, 17). Vemos, assim, quão misericordioso é Deus: dá-nos a promessa da ressurreição.

MATAM O CORPO MAS NÃO PODEM MATAR A ALMA

“Não temais os que matam o corpo, mas não podem matar a alma; temeí antes aquele que pode fazer perecer na Geena tanto a alma como o corpo” (Mateus 10:28).

Procuram os imortalistas estribar-se nesta passagem para sustentar a doutrina da imortalidade da alma. Dizem que, se alguém pode matar o corpo sem poder matar a alma, é porque esta é imortal. Mas esta passagem, em realidade, não favorece de maneira nenhuma aos imortalistas; antes, pelo contrário, coloca a teoria popular da sobrevivência da alma em dois grandes embaraços. Primeiro: Declara que não só a alma vai para a Geena, mas também o corpo, ao passo que a crença popular diz que somente a alma é ali lançada. Segundo: Declara que não só o corpo perece na Geena, mas também a alma. A alma é portanto perecível.

Na passagem em estudo, “alma” tem o significado de “vida”. Nós temos a promessa da vida eterna, a qual os ímpios não nos podem tirar, ainda que nos matem, pois, desde que permaneçamos fiéis até a morte, ser-nos-á dado participar da “ressurreição da vida” (João 5:29). Neste sentido é que os ímpios não podem matar-nos a alma.

Mas alguém ainda poderá objetar dizendo: “Como é que a alma, se lhe dermos o significado de ‘vida’, pode perecer? Parece não haver sentido em dizer-se que a vida é suscetível de morte”. Em linguagem bíblica, todavia, isto é possível. Exemplos: “ [...] livrareis as nossas vidas da morte” (Josué 2:13). “Mas se alguém aborrece a seu próximo, e lhe arma ciladas, e se levanta contra ele, e lhe mata a alma (“nefech”), e se acolhe a alguma destas cidades..” (Deuteronômio 19:11 - tradução literal). “Aproximou-se a sua alma à corrupção, e a sua vida ao que traz a morte” (Jó 33:22). Biblicamente, coisas abstratas, como, por exemplo, a vida ou a morte, podem ser personificadas, isto é, tratadas como se fossem pessoas ou objetos tangíveis. A “vida” pode “passar pela espada” (Já 33:18), e “a morte” pode ser lançada “no lago de fogo” (Apocalipse 20:14), etc.

PARA DEUS TODOS ESTÃO VIVOS

“Ora Deus não é Deus de mortos, mas de vivos; porque para Ele vivem todos” (Lucas 20:38).

Havia entre os judeus uma seita, a dos caduceus, cujos adeptos negavam a ressurreição. Fizeram certa vez a Jesus uma pergunta capciosa sobre a ressurreição a ver se poderiam embaraçá-lo. Mas Ele lhes tapou a boca (Mateus 22:23-30). Em seguida Jesus lhes provou, pelas Escrituras, que a ressurreição dos mortos haverá de fato. Disse-lhes: “E, acerca da ressurreição dos mortos, não tendes lido o que Deus vos declarou, dizendo: Eu sou o Deus de Abraão, o Deus de Isaque, e o Deus de Jacó? Ora Deus não é Deus dos mortos, mas dos vivos”. E acrescentou: “porque para Ele vivem todos” (Mateus 22:31, 32; Lucas 20:38).

Coisas futuras são, na Bíblia, frequentemente descritas como se já fossem presentes. Ver exemplos em Isaías 34:1,2; Ezequiel 28:16, 18; João 3:13; 17:11; Judas 14, 15; Apocalipse 13:8; etc. A isto o apóstolo Paulo assim se refere: “Deus [...] vivifica os mortos, e chama as coisas que não são como se já fossem” (Romanos 4:17). Na expressão: “para Ele vivem todos”, temos um caso típico desta natureza. Aqueles que morreram fiéis a Deus ainda não estão efetivamente vivos, pois ainda não ressuscitaram. Mas hão de ressuscitar e viver. “Os teus mortos viverão, os teus mortos ressuscitarão”, escreveu Isaías (Cap. 26, verso 19). Quando Jesus disse que Deus é Deus “dos vivos”, “porque para Ele vivem todos”, Ele não disse isto como referência a uma suposta continuação de vida em seguida à morte natural, mas sim com referência à “ressurreição”, dando por aí a entender que a ressurreição é a única porta pela qual os mortos podem voltar à vida.

Estas mesmas considerações servem também para explicar a seguinte passagem: “Mas chegastes ao monte de Sião, e à cidade do Deus vivo, à Jerusalém celestial, e aos muitos milhares de anjos; à universal assembleia e igreja dos primogênitos, que estão inscritos nos céus, e a Deus, o Juiz de todos, e aos espíritos dos justos aperfeiçoados” (Hebreus 12:22, 23).

Todas estas gloriosas promessas se cumprirão no futuro, na segunda vinda de Cristo. Quando Ele vier, e não antes, é que seremos levados para o monte de Sião (Apocalipse 14:1). Por enquanto, só temos a promessa e esperança de ali chegar. No entanto, como Deus “chama as coisas que não são como se já fossem” (Romanos 4:17), aqueles crentes aos quais Paulo dirigiu a epístola, ainda que estavam vivos na carne, já haviam, biblicamente, chegado ao monte de Sião, à Jerusalém celestial, assim como Cristo, quando ainda se encontrava na Terra, disse que já não estava mais no mundo (João 17:11), e que já estava no Céu (João 3:13).

Até agora nenhum homem foi aperfeiçoado no sentido que Paulo quer dar, salvo algumas exceções expressamente relatadas na Bíblia. Os justos mortos só serão aperfeiçoados na ressurreição, pois “tendo (eles) tido testemunho pela fé, não alcançaram a promessa, provendo Deus alguma coisa melhor a nosso respeito, para que eles sem nós não fossem aperfeiçoados” (Hebreus 11:39, 40). A “promessa” que os heróis da fé e todos os demais fiéis “não alcançaram”, refere-se à pátria celestial, conforme nos revela Paulo na mesma epístola: “Porque também vos compadecestes dos que estavam nas prisões, e com gozo permitistes a espoliação dos vossos bens, sabendo que em vós mesmos tendes nos céus uma possessão melhor e permanente. Não rejeiteis, pois, a vossa confiança, que tem grande e avultado galardão, para que, depois de haverdes feito a vontade de Deus, possais alcançar a promessa” (Hebreus 10:34-36). E referindo-se Paulo aos patriarcas. diz: “Todos estes morreram na fé, sem terem recebido as promessas; mas vendo-as de longe, e crendo-as e abraçando-as, confessaram que eram estrangeiros e peregrinos na Terra. Porque, Os que isto dizem, claramente mostram que buscam uma pátria. E se, na verdade, se lembrassem daquela donde haviam saído, teriam oportunidade de tornar. Mas agora desejam uma melhor, isto é. a celestial. Pelo que também Deus Se não envergonha deles, de Se chamar seu Deus, porque já lhes preparou uma cidade” (Hebreus 11:13-16).

Deus “nos tem dado grandíssimas e preciosas promessas”, de conceder-nos a vida eterna (2 Timóteo 1:1; 1 João 2:25), de tornar-nos “participantes da natureza divina” (2 Pedro 1:4) e de entrarmos na pátria celestial (Hebreus 10:34-36), pois “não temos aqui cidade permanente, mas buscamos a futura” (Hebreus 13:14). Estas promessas, porém, não são cumpridas por ocasião da morte. Os fiéis, desde o princípio do mundo, “morreram na fé, sem terem recebido as promessas” (Hebreus 11:13). E por que não as receberam? Responde o apóstolo: “ [...] para que eles sem nós não fossem aperfeiçoados” (Hebreus 11:39, 40). Na segunda vinda de Cristo é que isto se cumprirá.

NO CORPO OU FORA DO CORPO

“Conheço um homem em Cristo”, disse Paulo, referindo-se a si mesmo, “que há quatorze anos (se no corpo não sei, se fora do corpo não sei; Deus o sabe), foi arrebatado até ao terceiro céu. E sei que o tal homem (se no corpo, se fora do corpo, não sei; Deus o sabe) foi arrebatado ao Paraíso; e ouviu palavras inefáveis, de que ao homem não é lícito falar” (2 Coríntios 12:2-4).

Paulo tinha recebido uma revelação acerca do Paraíso, que se encontra no terceiro céu. Ele, porém, não estava certo se tinha sido arrebatado para ali em pessoa, ou se o Paraíso lhe fora mostrado em visão, mediante um arrebatamento de sentidos. À primeira hipótese ele se refere com as palavras “no corpo”, e à segunda hipótese com as palavras “fora do corpo”.

Os imortalistas citam estas passagens em apoio à crença na existência, em estado desincorporado, de uma suposta entidade consciente e imortal do homem, à qual dão o nome de alma ou espírito, entidade essa que, em realidade, não existe. Dizem que Paulo admitiu a possibilidade de ter sido levado ao Paraíso “fora do corpo”, e com isso confirmou a existência dessa entidade no homem, comumente chamada alma ou espírito.

Mas o caso é que a expressão “fora do corpo” requer outra interpretação. Noutras epístolas, Paulo usa expressão equivalente a “fora do corpo”, sem no entanto pretender o que os imortalistas pretendem com 2 Coríntios 12:2-4. “Eu na verdade”, escreveu ele aos coríntios, “ainda que ausente no corpo (literalmente “ausente ao corpo”), mas presente no espírito, já determinei, como se estivesse presente, que o que tal ato praticou..” (1 Coríntios 5:3). E aos colossenses ele escreveu: “Porque ainda que esteja ausente quanto ao corpo (literalmente “ausente à carne”), contudo em espírito estou convosco, regozijando-me, e vendo a vossa ordem, e a firmeza da vossa fé em Cristo” (Colossenses 2:5).

Paulo admite a possibilidade de ter estado no terceiro céu no mesmo sentido em que ele estava continuamente com os coríntios e os colossenses, bem como com todas as demais igrejas, a saber, em espírito. Ou pretenderá alguém que, enquanto ele escrevia aos coríntios, dizendo que estava “ausente ao corpo”, mas presente no espírito, ou aos colossenses, dizendo que estava “ausente à carne”, mas com eles em espírito, achava-se nessas igrejas a suposta “alma consciente e imortal” de Paulo, e que, por conseguinte, seu cadáver lhes estava escrevendo de Roma? Certamente ninguém sustentará tal absurdo. E por que então sustentar este absurdo em relação à visão do terceiro céu concedida ao apóstolo?

Paulo estava presente nas igrejas, não em pessoa, mas em pensamentos, sentimentos, etc. Neste sentido ele estava ausente ao corpo, mas presente em espírito. Quanto ao terceiro céu, ele admitiu a possibilidade de ter tido um arrebatamento de sentidos (Atos 10:10; 11:5; Apocalipse 1:10), um meio do qual o Senhor Se utiliza para comunicar Sua vontade e Seus desígnios aos homens. O sonho pode dar-nos uma ideia do que vem a ser isto. Às vezes alguém sonha que está noutra cidade, noutra país ou noutra continente. Seus sentidos recebem impressões tão vivas e perfeitas como se ele ali estivesse em pessoa. E às vezes sucede que, ao despertar, ainda pensa que está no lugar com que sonhou. Mas logo vê que foi sonho. Nesse lugar ele apenas esteve presente em espírito, mas ausente ao corpo.

AS ALMAS DEBAIXO DO ALTAR

“E havendo aberto o quinto selo, vi debaixo do altar as almas dos que foram mortos por amor da palavra de Deus e por amor do testemunho que deram” (Apocalipse 6:9).

Esta figura é popularmente considerada como uma prova de peso da doutrina do estado desincorporado e consciente dos mortos. Pretende-se que aqui se trate de almas vistas por João num estado desincorporado, consciente, e com conhecimento do que se estava passando, pois que clamavam vingança para os seus perseguidores. Esta interpretação é inadmissível, por diversos motivos: 1. °) — A opinião popular coloca estas almas no Céu; mas o altar de sacrifício sobre que foram mortas, e debaixo do qual foram vistas, não pode encontrar-se ali. O único altar que sabemos existir ali é o altar de incenso; mas não seria correto representar, como estando debaixo do altar, vítimas recentemente mortas, visto que esse altar nunca foi consagrado a tal uso. 2. °) — Repugnaria a todas as nossas ideias acerca do estado celestial, representar almas no Céu acaçapadas debaixo de um altar. 3. °) — Poderemos supor que a ideia de vingança reine tão soberanamente nas mentes das almas no Céu, que, apesar da alegria e glória desse inefável estado, se encontrem insatisfeitas e constrangidas até que se tome vingança dos seus inimigos? Não teriam antes motivo de se alegrar por a perseguição ter levantado a sua mão contra eles, e os ter assim levado mais depressa à presença do seu Redentor, junto de Quem há plenitude de alegria e prazeres sem fim? Mas, além disso, a opinião popular que coloca estas almas no Céu, coloca ao mesmo tempo os ímpios no lago de fogo, onde se contorcem em indizível tormento, e em plena visão da hoste celeste. Isto, pretende-se, é apoiado pela parábola do rico e de Lázaro, que se encontra em Lucas 16. Ora as almas que aparecem sob o quinto selo são as que foram mortas sob o selo precedente, dezenas de anos, e muitas delas centenas de anos antes. Sem dúvida alguma os seus perseguidores já tinham todos passado do estado de ação, e, segundo a aludida opinião, encontravam-se todos sofrendo os tormentos do inferno que estava diante de seus olhos.

Como se não estivessem, porém, satisfeitas com isto, clamam a Deus como se Ele estivesse retardando a vingança dos seus assassinos. Que maior vingança queriam elas? Ou, se seus perseguidores estivessem ainda na Terra, elas deviam saber que, quando muito, dentro de poucos anos, se uniriam à vasta multidão que diariamente é arremessada para o mundo de sofrimento através das trevas da morte. Mas, mesmo nesta suposição, não aparece em melhor luz a sua amabilidade. Uma coisa, pelo menos, é evidente: A teoria popular acerca da condição dos mortos, justos e ímpios, não pode ser correta; ou então não é correta a interpretação geralmente dada a esta passagem; porque excluem-se mutuamente.

Mas insiste-se em que estas almas devem ser conscientes; pois que clamam a Deus. Este argumento seria de peso, se não houvesse uma figura de retórica chamada personificação. Mas, havendo, vem a propósito, sob certas condições, atribuir vida, ação e inteligência a objetos inanimados. Assim, diz-se que o sangue de Abel clamava a Deus desde a terra. (Gênesis 4:9, 10). A pedra clamava da parede e a trave lhe respondia do madeiramento. (Habacuque 2:11). O jornal dos trabalhadores, retido por fraude, clamou, e os clamores entraram nos ouvidos do Senhor dos exércitos. (Tiago 5:4). Assim podiam clamar as almas mencionadas no nosso texto, não se provando por isso que elas sejam conscientes.

O absurdo da opinião popular sobre este versículo é tão evidente que Alberto Barnes faz a seguinte concessão: “Não devemos supor que isto sucedeu literalmente, e que João atualmente viu as almas dos mártires debaixo do altar, porque toda a representação é simbólica; nem devemos supor que os injuriados e maltratados estejam agora no Céu a pedir vingança para aqueles que os maltrataram, ou que os remidos no Céu continuem a orar com referência às coisas da Terra; mas pode muito bem concluir-se daqui que haverá uma lembrança dos sofrimentos dos perseguidos, injuriados e oprimidos, tão real como se fosse feita ali semelhante oração; e que o opressor tem tanto a temer da divina vingança como se aqueles a quem injuriou clamassem no Céu ao Deus que ouve as orações e que toma vingança”. — Notes on Revelation, 6.

“Em passagens como esta, o leitor pode ser desorientado pela definição popular da palavra alma. Por essa definição, é levado a supor que este texto fala de uma imaterial, invisível e imortal essência no homem, que voa para a sua cobiçada liberdade, pela morte do corpo mortal, sem obstáculo e prisão. Nenhum exemplo do emprego desta palavra no original hebraico ou grego apoia semelhante definição. A maior parte das vezes significa vida, e não raras vezes é traduzida por pessoa. Aplica-se tanto aos mortos como aos vivos, como pode ver-se em Gênesis 2:7, onde a palavra vivente não necessitaria de ter sido expressa se a vida fosse um atributo inseparável da alma; e em Números 19:13, onde a Concordância Hebraica apresenta ‘alma morta’. Além disso, estas almas pedem que seja vingado o seu sangue — substância que se supõe não ser possuída pela alma imaterial, tal como é popularmente compreendida [...]

‘As vestes brancas’. Estas foram dadas como uma resposta parcial ao seu clamor, ‘Até quando, ó verdadeiro e santo Dominador, não julgas e vingas o nosso sangue?’ Que sucedeu? — Tinham descido à sepultura do modo mais ignominioso. Suas vidas tinham sido deformadas, suas reputações denegridas, difamados os seus nomes, torcidos seus motivos, e suas sepulturas cobertas de vergonha e opróbrio, como se encerrassem as desonrosas cinzas das pessoas mais vis e desprezíveis. Assim a igreja de Roma, que então moldava o sentimento das principais nações da Terra, não poupava esforços para tornar as suas vítimas um objeto de aversão para toda a carne.

“Mas a Reforma começou a sua obra. Começou a ver-se que a igreja era corrupta, e que aqueles contra quem fulminara a sua ira eram os bons, os puros e os verdadeiros. Fez-se luz a este respeito em várias nações. Viu-se então que tinham sofrido, não, por serem vis e criminosos, mas ‘por amor da palavra de Deus e por amor do testemunho que deram’. Então seus louvores foram cantados, admiradas suas virtudes, sua fortaleza aplaudida, seus nomes honrados, e respeitadas suas memórias. Foram assim dadas vestes brancas a cada um deles”, Uriah Smith, Profecias do Apocalipse, págs. 91-95.

A PARABOLA DO RICO E LÁZARO

Leia-se Lucas 16:19-31.

Nesta parábola muitos acreditam achar apoio para a crença popular de que, na ocasião da morte, os justos vão para o Céu, e os ímpios para as chamas do tormento. E diante do fato de Jesus ter iniciado a ilustração com a palavra “havia [...]”, alguns ousam mesmo dizer que não se trata aqui de uma parábola, mas sim de um acontecimento real.

Todavia, outras parábolas de Jesus também foram apresentadas como se fossem acontecimentos reais. Exemplo: “Havia um certo homem rico, o qual tinha um mordomo ..” (Lucas 16:1). No entanto, esta parábola — a do mordomo infiel — nunca deixou de ser uma parábola e, portanto, o mesmo deve também valer em relação à parábola do rico e Lázaro.

Uma análise desta parábola demonstra que a mesma não pode ter aplicação literal, senão alegórica. Se todos os pobres fossem, na ocasião da morte, para o seio de Abraão, então este deveria ter um seio assombrosamente grande, a fim de que pudesse conter a inumerável multidão de salvos. Se os detalhes desta parábola devessem ser interpretados literalmente, então os que estivessem no Céu reconheceriam seus entes queridos nas chamas do inferno. Pais e mães, por exemplo, veriam seus filhos, que tivessem levado vida ímpia, a contorcer-se em tormento, e ouviriam seus lancinantes gritos. Quão triste seria, para os salvos, um céu nestas condições! Se a parábola do rico e Lázaro tivesse aplicação literal, então os sentenciados, que devessem estar nas chamas do inferno, teriam lábios materiais que pudessem ser refrescados com um pouco d'água trazida na ponta do dedo. Então as tais “almas imateriais” têm lábios e dedos materiais?

É, pois, evidente que a linguagem aqui usada por Cristo é simbólica como a que encontramos em Juízes 9:8-15: “Foram uma vez as árvores a ungir para si um rei; e disseram à oliveira: Reina tu sobre nós. Porém a oliveira lhes disse: Deixaria eu a minha gordura, que Deus e os homens em mim prezam, e iria a labutar sobre as árvores? Então disseram as árvores à figueira: Vem tu, e reina sobre nós. Porém a figueira lhes disse [...]”

Convém, todavia, notar que Jesus, em Suas diversas ilustrações, usava certos detalhes acidentais apenas para completar o quadro alegórico, detalhes esses que, entretanto, não têm aplicação à coisa principal que essas parábolas têm por fim ilustrar.

Vejamos, por exemplo, a parábola do juiz iníquo e a viúva. Lucas 18:1-8. A viúva ia ter constantemente com o juiz, pedindo-lhe que fizesse justiça contra um adversário seu. O juiz, a princípio, não dava ouvidos à mulher, mas finalmente, para não mais ser molestado, resolveu atendê-la. Jesus, por meio, desta parábola, ilustrou o seguinte fato principal: A necessidade de orarmos perseverantemente a Deus para sermos atendidos. Ora, o juiz da parábola era “injusto” (Lucas 18:6). O juiz celestial (Tiago 4:12), porém, não é injusto como o da parábola. Por aí, vemos que o detalhe “injusto” foi acidentalmente acrescentado na ilustração unicamente para completar o quadro ilustrativo, mas não pode ser aplicado ao fato real — a coisa essencial — que a parábola tem por fim simbolizar.

Outro exemplo dessa natureza encontramos na parábola do mordomo infiel, em Lucas 16:1-9. Lemos aí que o mordomo procedeu desonestamente para com seu patrão, a fim de fazer provisões para o futuro. Mas qual é o objetivo da parábola? Ilustrar a necessidade de sermos infiéis e desonestos? Não, absolutamente! Jesus, pela parábola do mordomo infiel, ilustrou apenas nosso dever de fazer provisões para o futuro, a fim de que sejamos recebidos “nos tabernáculos eternos” (verso 9). O procedimento desonesto do mordomo foi um detalhe acidental, introduzido apenas para completar o quadro ilustrativo, não tendo, por isso, aplicação à coisa principal ilustrada: Fazer provisões para o futuro.

Assim, também, os detalhes acidentais da parábola do rico e Lázaro não têm aplicação aos fatos que o Salvador queria ilustrar, quais sejam: As condições favoráveis em que se achavam os judeus, em relação aos gentios, na velha dispensação, e as condições desfavoráveis em que se achariam os judeus, em relação aos gentios, na nova dispensação.

Na velha dispensação, os judeus podiam ser comparados ao rico quando se deleitava com seus bens. Ver Romanos 9:4-5. Os gentios, porém, eram considerados como cães, e, no tocante à religião, tinham que contentar-se com as migalhas que caíam da mesa dos afortunados. Mas na nova dispensação operou-se uma mudança. Os gentios que aceitaram a Cristo estão simbolicamente gozando as bênçãos do seio de Abraão, como disse Paulo: “se sois de Cristo, então sois descendência de Abraão, e herdeiros conforme a promessa” (Gálatas 3:29). Os judeus, entretanto, desde essa mudança, estão, figurativamente, em tormento: “E vos espalharei entre as nações, e desembainharei a espada atrás de vós..” (Levítico 26:33). O que os separa das bênçãos do seio de Abraão, é o abismo da desobediência e incredulidade. (Romanos 11:20, 23).

O motivo por que Cristo usou as referidas cenas para ilustrar Sua lição objetiva, reside, evidentemente, no fato de que, nos Seus dias, já predominavam em muitas mentes, por influência do paganismo, ideias sobre o estado consciente dos mortos, inferno, purgatório, limbo, etc. Cristo, diante disso, enfrentou seus ouvintes no seu próprio terreno, porque, diz o Senhor, “qualquer homem [...] que levantar os seus ídolos no seu coração [...] lhe responderei conforme a multidão dos seus ídolos” (Ezequiel 14:4). Este princípio vemos também no trato do Senhor com Balaão; com os israelitas no deserto, quando pediram carne para comer; com Josafá, quando, em aliança com Acabe, entrou em guerra contra Ramote Gileade; etc.

A parábola do rico e Lázaro encerra também outras lições objetivas, além da que aqui consideramos.

CRISTO PREGANDO AOS ESPIRITOS EM PRISÃO

“Porque também Cristo padeceu uma vez pelos pecados, o justo pelos injustos, para levar-nos a Deus; mortificado, na verdade, na carne, mas vivificado pelo Espírito; no Qual também foi, e pregou aos espíritos em prisão; os quais noutra tempo foram rebeldes, quando a longanimidade de Deus esperava nos dias de Noé, enquanto se preparava a arca..” (1 Pedro 3:18-20).

Muitos cristãos, por má compreensão, pensam que Jesus, durante os “três dias” que permaneceu no seio da terra, foi pregar aos que supõem estar sofrendo os “tormentos do inferno”. Em apoio deste ponto de vista, ainda citam a seguinte passagem: “Porque por isto foi pregado o evangelho também aos mortos, para que, na verdade fossem julgados segundo os homens na carne, mas vivessem segundo Deus em espírito”. 1 Pedro 4:6.

Vamos, por um momento, admitir esta ideia, a ver se a mesma suporta um exame bíblico. Já mostramos, em capítulos anteriores, que os mortos não estão nem no Céu nem no inferno, mas jazem inconscientes no pó da terra. Mas vamos admitir por um instante a teoria imortalista da teologia popular. Se Jesus foi pregar o Evangelho aos que “estão ardendo no inferno”, então resulta que deve para eles ainda haver alguma esperança. Foi-lhes pregar para que fins? Para que “vivessem segundo Deus em espírito”. Leiamos bem o referido verso e meditemos bem sobre seu significado. Então os que “estão nas chamas infernais”, às quais “foram condenados para toda a eternidade”, ainda poderão salvar-se — é a conclusão a que se chegaria obrigatoriamente. Mas a Bíblia mostra que após a morte ninguém pode mudar sua condição nem sua sorte. Quem morreu injusto permanece injusto. Um pecador, morrendo sem arrependimento e sem conversão, não poderá, depois da morte, cumprir as condições da salvação e alcançar a vida eterna. Só enquanto vive pode fazer isto. Eclesiastes 9:5, 6, 10; Hebreus 9:27. Os próprios imortalistas reconhecem esta verdade, citando em seu apoio Lucas 16:25, 26. E não há dúvida a respeito. Mas os versos em questão —1 Pedro 3:18-20; 4:6 — mostram positivamente que o Evangelho foi pregado aos mortos, porque ainda havia para eles a esperança de viverem. Evidentemente, pois, não se trata aqui de mortos em sentido literal. Todo crente, antes de sua conversão, era morto. O Evangelho lhes foi pregado e ressuscitaram. “Estando nós ainda mortos” “em ofensas e pecados”, Deus, pelo Evangelho, nos vivificou. (Efésios 2:1, 5). Ver também 1 Timóteo 5:6; Apocalipse 3:1.

Aos espíritos que estavam em prisão Cristo não pregou em pessoa, mas sim por meio do Espírito. O “Espírito de Cristo” (1 Pedro 1:11), que estava em Noé, pregou aos antediluvianos em prisão. Mas que prisão era essa? Evidentemente, a prisão do pecado. Naqueles dias, “enquanto se preparava a arca”, Cristo também se empenhou em “proclamar liberdade aos cativos e a abertura de prisão aos presos” (Isaías 61:1; Lucas 4:19), mas os presos do cativeiro do pecado eram rebeldes e não aceitaram as advertências.

Não se trata aqui de espíritos desencarnados de malfeitores a sofrer as penas de um inferno conforme o pinta a teologia popular. Os “espíritos” de que Pedro fala são os próprios antediluvianos, pois a Bíblia algumas vezes usa “espíritos” com o sinônimo de “pessoas”. Esses espíritos “noutra tempo foram rebeldes”. Isto indica que sua rebelião já cessou. Cessou porque foram destruídos pelo dilúvio.

SAUL CONSULTA A PITONISSA DE EN-DOR

Leia-se 1 Samuel, capítulo 28.

Entre as passagens bíblicas comumente apresentadas em apoio à errônea crença do estado consciente dos mortos, acha-se também o relato da visita de Saul à pitonisa de En-Dor. Pretendem os imortalistas que foi realmente a “alma” de Samuel que apareceu e manteve entrevista com Saul. Mas os fatos relacionados com esta prática necromante impossibilitam esta conclusão. Vejamos:

a) Deus Se havia negado a responder a Saul por meios oficiais, como sejam: sonhos, Urim, ou profetas (verso 6). E será que o Senhor poria de lado os meios lícitos para comunicar-se com Saul através de meios ilícitos e condenados como eram as artes de necromancia? Ver Levítico 19:31; 20:27; Deuteronômio 18:9-12. Satanás não teria poder para chamar Samuel do Céu, onde, segundo a crença popular, ele deveria encontrar-se, e será que Deus enviaria Seu servo, o santo profeta Samuel, à caverna duma feiticeira em atenção aos seus sortilégios?

b) Como poderia Samuel atender à evocação da necromante se ele havia condenado a necromancia como um pecado nefando? (1 Samuel 15:23). E como poderia ele comunicar-se primeiro com a mulher, amigavelmente, e preveni-la de que seu visitante era Saul, cooperando assim com ela na sua prática diabólica?

c) A feiticeira viu o pretense Samuel enquanto Saul nada via. E como poderia ela contemplá-lo mediante seus sortilégios, ao passo que a Saul não fosse dado vê-lo? Será que a feiticeira era mais santa que Saul?

d) O suposto Samuel apareceu “envolto numa capa” (verso 14). Será que as “almas abstratas” andam vestidas de capa?

e) O pretense Samuel disse que Saul e seus filhos estariam com ele no dia seguinte (verso 19). Se Samuel estava no Céu, como poderia Saul ali entrar uma vez que Deus o havia rejeitado por causa dos seus pecados?

f) O fato de Saul ter-se comunicado com o suposto Samuel, por meio da pitonisa, foi um dos motivos por que o Senhor o matou (1 Crônicas 10:13, 14). E como poderia o Senhor castigá-lo por um ato que o próprio Senhor tivesse favorecido?

g) Se os mortos justos estão no Céu, como poderia Samuel subir “da terra”? (Verso 13). Se alguém achar que Samuel ressuscitou, então que nos explique como poderia ressuscitá-lo para atender aos sortilégios da pitonisa, e como poderia Samuel ressuscitar em En-Dor se foi sepultado em Rama.

Estes fatos nos levam à conclusão inevitável de que o Samuel que ali apareceu foi um demônio disfarçado em Samuel.

A RESSURREIÇÃO DOS JUSTOS

A Bíblia fala de duas ressurreições: a dos justos na vinda de Cristo, no início do milênio, e a dos injustos no fim do milênio. A dos justos é chamada a “primeira ressurreição” (Apocalipse 20:6), ou “a ressurreição da vida” (João 5:29), ou ainda “a ressurreição dos justos” (Lucas 14:14).

“Não quero, porém, irmãos”, escreveu Paulo, “que sejais ignorantes acerca dos que já dormem, para que não vos entristeçais, como os demais, que não têm esperança. Porque, se cremos que Jesus morreu e ressuscitou, assim também aos que em Jesus dormem, Deus os tornará a trazer com Ele. Dizemo-vos, pois, isto, pela palavra do Senhor: que nós, os que ficarmos vivos para a vinda do Senhor, não precederemos os que dormem. Porque o mesmo Senhor descera do Céu com alarido, e com voz de arcanjo, e com a trombeta de Deus; e os que morreram em Cristo ressuscitarão primeiro” (I Tessalonicenses 4:13-16).

“Em verdade, em verdade vos digo”, declarou Jesus, “que vem a hora, e agora é, em que os mortos ouvirão a voz do Filho de Deus, e os que a ouvirem viverão [...] Não vos maravilheis disto; porque vem a hora em que todos os que estão nos sepulcros ouvirão a Sua voz. E os que fizeram o bem sairão para a ressurreição da vida..” (João 5:25, 28, 29).

O profeta Ezequiel assim descreve esta ressurreição: “Veio sobre mim a mão do Senhor, e o Senhor me levou em espírito, e me pôs no meio de um vale que estava cheio de ossos; e me fez andar ao redor deles. E eis que eram mui numerosos sobre a face do vale, e estavam sequíssimos. E me disse: Filho do homem, poderão viver estes ossos? E eu disse: Senhor Jeová, tu o sabes. Então me disse: Profetiza sobre estes ossos, e dize-lhes: Ossos secos ouvi a palavra do Senhor. Assim diz o Senhor Jeová a estes ossos: Eis que farei entrar em vós o espírito, e vivereis. E porei nervos sobre vós, e farei crescer carne sobre vós, e sobre vós estenderei pele, e porei em vós o espírito, e vivereis; e sabereis que Eu sou o Senhor. Então profetizei como se me deu ordem. E houve um ruído, enquanto eu profetizava; e eis que se fez um reboiço, e os ossos se juntaram, cada osso ao seu osso. E olhei, e eis que vieram nervos sobre eles, e cresceu a carne, e estendeu-se a pele sobre eles por cima; mas não havia neles espírito. E Ele me disse: Profetiza ao espírito, profetiza, ó filho do homem, e dize ao espírito: Assim diz o Senhor Jeová: Vem dos quatro ventos, ó espírito, e assopra sobre estes mortos, para que vivam. E profetizei como Ele me deu ordem; então o espírito entrou neles e viveram, e se puseram em pé, um exército grande em extremo. Então me disse: Filho do homem, estes ossos são toda a casa de Israel. Eis que dizem: Os nossos ossos se secaram, e pereceu a nossa esperança; nós estamos cortados. Portanto profetiza, e dize-lhes: Assim diz o Senhor Jeová: Eis que Eu abrirei as vossas sepulturas, e vos farei sair das vossas sepulturas, ó povo Meu..” (Ezequiel 37:1-12).

O apóstolo Paulo refere a ressurreição dos justos nos seguintes termos: “Mas alguém dirá: Como ressuscitarão os mortos? E com que corpo virão? Insensato! O que tu semeias não é vivificado, se primeiro não morrer. E, quando semeias, não semeias o corpo que há de nascer, mas o simples grão, como de trigo, ou doutra qualquer semente. Mas Deus dá-lhe o corpo como quer, e a cada semente o seu próprio corpo. Nem toda a carne é uma mesma carne, mas uma é a carne dos homens, e a outra a carne dos animais, e outra a dos peixes, e outra a das aves. E há corpos celestes e corpos terrestres, mas uma é a glória dos celestes e outra a dos terrestres. Uma é a glória do Sol, e outra a glória da Lua, e outra a glória das estrelas; porque uma estrela difere em glória de outra estrela. Assim é também a ressurreição dos mortos. Semeia-se em ignomínia, ressuscitará em glória. Semeia-se em fraqueza, ressuscitará com vigor. Semeia-se corpo animal, ressuscitará corpo espiritual. Se há corpo animal, há também corpo espiritual. Assim está também escrito: O primeiro homem, Adão, foi feito em alma vivente; o último Adão em espírito vivificante. Mas não é primeiro o espiritual, senão o animal; depois o espiritual. O primeiro homem, da Terra, é terreno; o segundo homem, o Senhor, é do Céu. Qual o terreno, tais são também os terrenos; e, qual o celestial, tais também os celestiais. E, assim como trouxemos a imagem do terreno, assim traremos também a imagem do celestial. E agora digo isto, irmãos: que a carne e o sangue não podem herdar o reino de Deus, nem a corrupção herda a

incorrupção. Eis aqui vos digo um mistério: Na verdade, nem todos dormiremos, mas todos seremos transformados, num momento, num abrir e fechar de olhos, ante a última trombeta; porque a trombeta soará, e os mortos ressuscitarão incorruptíveis, e nós seremos transformados. Porque convém que isto que é corruptível se revista da incorruptibilidade, e isto que é mortal se revista da imortalidade. E, quando isto que é corruptível, se revestir da incorruptibilidade, e isto que é mortal se revestir da imortalidade, então cumprir-se-á a palavra que está escrita: tragada foi a morte na vitória. Onde está, ó morte, o teu aguilhão? Onde está, ó inferno, a tua vitória?” (1 Coríntios 15:35-55).

Após a redenção, teremos, não há dúvida, natureza espiritual. Mas quer isto, porventura, dizer que seremos imateriais? De maneira nenhuma! Em certa medida, somos espirituais desde a nossa conversão. (1 Coríntios 14:37; Gaiatas 6:1). Somos mesmo classificados como “espírito” (João 3:6). No entanto, o nosso estado material não sofreu a mínima diminuição. Somos tão concretos como antes. Na vinda de Cristo, não será dissolvido o nosso corpo. Será, isso sim, mudado de corruptível para incorruptível, de mortal Para imortal. (1 Coríntios 15:51-54). O espírito não poderia subsistir sem o corpo, assim como não pode haver música sem instrumento. Por isso, aguardamos, para o dia da vinda do Senhor, não só a salvação do nosso espírito (1 Coríntios 5:5), mas também “a redenção do nosso corpo” (Romanos 8:23).

Os justos que dormem no pó da terra, não ressuscitarão como espíritos abstratos, mas como corpos concretos. Por ocasião da morte de Cristo na cruz, “abriram-se os sepulcros, e muitos corpos de santos que dormiam foram ressuscitados; e, saindo dos sepulcros, quando da ressurreição dEle, entraram na cidade santa, e apareceram a muitos” (Mateus 27:52, 53). Temos aqui um exemplo de ressurreição de justos, por onde vemos que não se trata de entidades imateriais, mas de corpos físicos, visíveis. “Por que eu sei que o meu Redentor vive”, disse Jó, “e que por fim Se levantará sobre a Terra. E depois de consumida a minha pele, ainda em minha carne verei a Deus” (Jó 19:25, 26). Em Ezequiel 37, onde se descreve a ressurreição dos justos, é dito que eles terão ossos, nervos e carne. Deve-se, porém, entender que é matéria incorruptível, “pois os mortos ressuscitarão incorruptíveis” (1 Coríntios 15:52). Não teremos carne e sangue corruptíveis como os temos hoje, pois assim não poderíamos herdar o reino de Deus.

Teremos, sim, corpos gloriosos, de substância incorruptível, conforme o “corpo glorioso” (Filipenses 3:21) de Jesus. A isto é que Paulo chama “corpo espiritual”. Ele faz uma comparação entre corpos celestes — entre a Lua, o Sol e as estrelas, por exemplo — para nos fazer ver que esses corpos diferem em glória um do outro e para dar-nos uma ideia da diferença entre nosso atual corpo corruptível e o futuro corpo espiritual e glorioso de que havemos de revestir-nos. Se esse “corpo espiritual” devesse ser abstrato, então seria imprópria a comparação de Paulo entre corpos celestiais concretos, e, neste caso, deveria fazer uma comparação entre corpo concreto e coisa abstrata ou invisível — entre a Lua e o vento, por exemplo.

Cristo, na Sua vinda, não estabelecerá Seu reino aqui na Terra, como se crê popularmente. Os santos, tanto os, mortos ressuscitados como os vivos transformados, não permanecerão aqui mas serão “arreatados” da Terra “ao encontro do Senhor nos ares” (1 Tessalonicenses 4:17). Serão em seguida trasladados para as mansões celestiais que lhes foram preparadas por Jesus na casa do Pai. “Não se turbe vosso coração”, disse Jesus, “credes em Deus, crede também em Mim. Na casa de Meu Pai há muitas moradas; se não fosse assim, Eu vo-lo teria dito; vou preparar-vos lugar. E, se Eu for, e vos preparar lugar, virei outra vez, e vos levarei para Mim mesmo, para que onde Eu estiver estejais vós também” (João 14:1-3). Cumprir-se-á então a promessa que diz: “As coisas que o olho não viu, e o ouvido não ouviu, e não subiram ao coração do homem, são as que Deus preparou para os que O amam” (1 Coríntios 2: 9).

As duas classes de salvos — os justos vivos transformados e os justos mortos ressuscitados (1 Coríntios 15:51, 52; 1 Tessalonicenses 4:16, 17) — foram mostradas ao vidente de Patmos em visão. Ele assim as descreve: “E vi outro anjo subir da banda do sol nascente, e que tinha o selo do Deus vivo; e clamou com grande voz aos quatro anjos, a quem fora dado o poder de danificar a terra e o mar, dizendo: Não danifiquéis a terra, nem o mar, nem as árvores, até que hajamos assinalado nas suas testas os servos do

nosso Deus. E ouvi o número dos assinalados, e eram cento e quarenta e quatro mil..” (Apocalipse 7:2-4). Estes são os santos vivos transformados na segunda vinda de Cristo. É inegável que eles serão trasladados para o Céu, pois João o apocalíptico, em visão, os viu junto ao mar de vidro (Apocalipse 15:2-3), que se encontra diante do trono de Deus (Apocalipse 4:6). Em seguida, o apóstolo João viu os justos ressuscitados por altura do segundo advento de Cristo: “Depois destas coisas olhei”, diz ele, “e eis aqui uma multidão, a qual ninguém podia contar, de todas as nações, e tribos, e povos, e línguas, que estavam diante do trono, e perante o Cordeiro, trajando vestidos brancos e com palmas nas suas mãos; e clamavam com grande voz, dizendo: Salvação ao nosso Deus, que está assentado no trono, e ao Cordeiro” (Apocalipse 7:9, 10). Esta classe de salvos também será trasladada para o Céu, pois João os viu “diante do trono” de Deus.

Como já vimos, as Escrituras só apresentam duas classes de salvos: os vivos transformados e os mortos ressuscitados por ocasião do advento de Cristo. E ao apóstolo João só foram mostradas essas duas classes: os “cento e quarenta e quatro mil” (Apocalipse 7:4) e a “multidão” (verso 9), respectivamente. Não fala a Bíblia de nenhuma terceira classe de salvos.

A Bíblia fala da imposição do sinal da besta por lei no tempo do fim e ameaça com severo castigo a todos os que receberem esse sinal. Estes serão atingidos pelas pragas (Apocalipse 16:1, 2) e irão para a perdição (Apocalipse 14:9-11). Daí ressalta que, dos vivos, apenas se salvarão aqueles que não receberem o sinal da besta. A imposição desse sinal e a perseguição movida contra aqueles que recusam recebê-lo, é descrita no capítulo 13 de Apocalipse. Em seguida são apresentados os vencedores em número de apenas cento e quarenta e quatro mil. “E olhei e eis que estava o Cordeiro sobre o monte de Sião, e com Ele cento e quarenta e quatro mil, que em suas testas tinham escrito o nome dEle e de Seu Pai. E ouvi uma voz do Céu, como a voz de muitas águas, e como a voz de um grande trovão; e ouvi uma voz de harpistas, que tocavam com as suas harpas. E cantavam um como cântico novo diante do trono, e diante dos quatro animais (criaturas viventes) e dos anciãos; e ninguém podia aprender aquele cântico, senão os cento e quarenta e quatro mil que foram comprados da Terra” (Apocalipse 14:1-3). Este mesmo grupo é, no capítulo 15, descrito como segue: “E vi um como mar de vidro misturado com fogo; e também os que saíram vitoriosos da besta, e da sua imagem, e do seu sinal, e do número do seu nome, que estavam junto ao mar de vidro, e tinham as harpas de Deus. E cantavam o cântico de Moisés, servo de Deus, e o cântico do Cordeiro, dizendo: Grandes e maravilhosas são as Tuas obras, Senhor Deus Todo-poderoso! justos e verdadeiros são os Teus caminhos, ó Rei dos santos” (Apocalipse 15:2, 3). Se somente os cento e quarenta e quatro mil saíram “vitoriosos da besta, e da sua imagem, e do seu sinal, e do número do seu nome”, resulta-se que todos os outros vivos, atingidos pelo decreto, não venceram, mas receberam o sinal da besta, e, neste caso, terão que perecer (Apocalipse 14:9-11; 16:1, 2).

Muitos creem que o advento do Salvador marcará o início de um milênio de paz e conversão dos ímpios aqui na Terra. Mas esta crença não tem fundamento na Bíblia. Todos os ímpios vivos serão destruídos quando Cristo vier. E também os cristãos professos, que não estiverem preparados, serão rejeitados. Quem até então não estiver preparado para a salvação, não terá mais oportunidade para salvar-se. A Bíblia é muito explícita sobre este ponto.

Quando terminar a obra sacerdotal de Cristo no santuário celestial, fechar-se-á a porta da graça, e ninguém mais poderá mudar seu estado. Pronunciar-se-á então esta frase solene: “Quem é injusto, faça injustiça ainda; e quem está sujo, suje-se ainda; e quem é justo, faça justiça ainda; e quem é santo, seja santificado ainda” (Apocalipse 22:11). Em seguida, Cristo descera à Terra. Os que estiverem preparados para a salvação, serão salvos; os que não estiverem, serão exterminados.

Os salvos, trasladados para o Céu, “serão sacerdotes de Deus e de Cristo, e reinarão com Ele mil anos” (Apocalipse 20:6). O versículo 4 nos diz o que hão de fazer durante esse reinado: julgarão os ímpios e os anjos caídos. “E vi tronos; e assentaram-se sobre eles, e foi-lhes dado o poder de julgar”. “Não sabeis vós”,

disse o apóstolo Paulo, “que os santos hão de julgar o mundo? [...] Não sabeis vós que havemos de julgar os anjos?” (1 Coríntios 6:2, 3).

A RESSURREIÇÃO E O ANIQUILAMENTO DOS ÍMPIOS NO FIM DO MILÊNIO

Durante o milênio, a Terra ficará vazia (Jeremias 4:23-26), pois os ímpios vivos serão todos mortos na segunda vinda de Cristo e os justos serão nessa ocasião trasladados para o Céu. Assim, durante esse período, Satanás estará amarrado por uma cadeia de circunstâncias (Apocalipse 20:1-3), porque a ninguém poderá tentar. Mas, findo o milênio, os ímpios ressuscitarão.

A Bíblia fala claramente de duas ressurreições gerais: Na segunda vinda de Cristo terá lugar a “ressurreição da vida” (João 5:29), que é a “ressurreição dos justos” (Lucas 14:14). Esta é a “primeira ressurreição” (Apocalipse 20:6). Nela não tomará parte nenhum injusto, mas somente aqueles sobre quem “não tem poder a segunda morte” (Apocalipse 20:6). Se há uma “primeira” deve também haver uma segunda ressurreição. E esta se realizará no fim do milênio, porque está escrito que “os outros mortos não reviveram, até que os mil anos se acabaram” (Apocalipse 20:5). A ressurreição desses “outros mortos” é a “ressurreição [...] dos injustos” (Atos 24:15), ou a “ressurreição da condenação” (João 5:29).

Alguém poderá agora perguntar: “Se a Terra ficou vazia durante o milênio, como foi demonstrado, de onde vêm então, depois dos mil anos, as ‘nações’ (Apocalipse 20:8) de malfeitores que se arregimentam para tomar a cidade santa?” Essas nações são justamente, e só podem ser, os ímpios então ressuscitados.

“E, acabando-se os mil anos, Satanás será solto da sua prisão. E sairá a enganar as nações que estão sobre os quatro cantos da Terra, Gogue, e Magogue, cujo número é como a areia do mar, para as ajuntar em batalha. E subiram sobre a largura da Terra, e cercaram o arraial dos santos e a cidade amada; mas desceu fogo do Céu, e os devorou” (Apocalipse 20:7-9). Fora da cidade só existem nações de ímpios, todas as quais serão extintas nessa altura. “Porque o dia do Senhor está perto, sobre todas as nações; como tu fizeste, assim se fará contigo; a tua maldade cairá sobre a tua cabeça. Porque, como vós bebestes no monte da Minha santidade, assim beberão de contínuo todas as nações; beberão, e engolirão, e serão como se nunca tivessem sido” (Obadias 15-16).

Temos aqui a resposta à pergunta feita pelo apóstolo Pedro: “qual será o fim daqueles que são desobedientes ao Evangelho de Deus?” (1 Pedro 4:17). O fogo que descer do Céu transformará esta Terra num “lago de fogo” (Apocalipse 20:14). Ali todos os ímpios serão consumidos; “serão como se nunca tivessem sido”, diz o profeta. A Bíblia fala bem claro, repetidas vezes, e de muitas maneiras, do aniquilamento completo dos ímpios.

O “dia do Senhor”, a que se refere o profeta Obadias, nos versos atrás citados, o apóstolo Pedro assim o descreve: “Mas os céus e a Terra que agora existem, pela mesma palavra se reservam como tesouro, e se guardam para o fogo, até o dia do juízo, e da perdição dos homens ímpios. Mas, amados, não ignoreis uma coisa: Que um dia para o Senhor é como mil anos, e mil anos como um dia. O Senhor não retarda a Sua promessa, ainda que alguns a têm por tardia; mas é longânimo para convosco, não querendo que alguns se percam, senão que todos venham a arrepender-se. Mas o dia do Senhor virá como o ladrão de noite; no qual os céus passarão com grande estrondo, e os elementos, ardendo, se desfarão, e a Terra, e as obras que nela há, se queimarão” (2 Pedro 3:7-10).

Os ímpios não terão todos o mesmo grau de castigo. Uns ficarão a arder por mais tempo que outros, segundo a culpabilidade de cada qual. Satanás, seus anjos, a besta e o falso profeta terão que sofrer muito tempo, pois está escrito que “de dia e de noite serão atormentados para todo o sempre” (Apocalipse 20:10). A expressão “para todo o sempre” é traduzida do grego “eis tous aionas ton aionon”. Isto, literalmente traduzido, é igual a “pelos séculos dos séculos”. É uma duração mais extensa que “aion”; é o “a ion” desdobrado. Trata-se de um período de tempo bem longo, o qual, entretanto, terá seu fim. A expressão

“pelos séculos dos séculos” pode bíblicamente designar um espaço de tempo prolongado, porém, findáveis. Assim, lemos, por exemplo, que, pela “terra de Edom”, ninguém deveria passar “pelos séculos dos séculos” (Isaías 34:6, 10). Mas essa terra já de há muito é habitada. Esse longo período (“pelos séculos dos séculos”) teve, portanto, seu fim.

“O “lago de fogo” que deverá arder sobre esta Terra “pelos séculos dos séculos”, finalmente se extinguirá, pois esta Terra, depois de purificada pelo fogo, se tornará a eterna morada dos santos.

- A estes acontecimentos o profeta Malaquias assim se refere: “Porque eis que aquele dia vem ardendo como forno; todos os soberbos, e todos os que cometem impiedade, serão como palha; e o dia que está para vir os abrasará, diz o Senhor dos Exércitos, de sorte que lhes não deixará nem raiz nem ramo. Mas para vós que temeis o Meu nome nascerá o sol da justiça, e salvação trará debaixo das suas asas; e saireis, e crescereis como os bezerros do cevadouro. E pisareis os ímpios, porque se farão cinza debaixo das plantas de vossos pés naquele dia..” (Malaquias 4:1-3).

A Escritura Sagrada ensina claramente que os ímpios não arderão interminavelmente, mas que serão aniquilados. Não só uma ou duas, mas muitas vezes a Bíblia fala do fim deles em termos que denotam seu completo extermínio.

Os teólogos dizem que a sorte dos ímpios é “uma morte que nunca morre”, mas esta contradição de termos é tão absurda como dizer que o galardão dos justos seria “uma vida que nunca vive”.

Se a Bíblia, ao falar do fim dos ímpios, os comparasse a coisas incorruptíveis ou muito duradouras, como metais preciosos, pedras duráveis, etc., haveria lugar para a conclusão de que eles não deveriam consumir-se, porém sofrer interminavelmente. Mas a Sagrada Escritura, falando de seu extermínio, os assemelha aos objetos e às substâncias mais combustíveis e perecíveis. Assim, diz que serão esmigalhados como um vaso de oleiro (Salmos 2:9); desvanecer-se-ão como a tempestade (Provérbios 10:25); serão como a roupa destruída pela traça (Isaías 51:8); como o fumo que se esvai ou como a cera que se derrete (Salmos 68:2); serão abrasados como a palha (Malaquias 4:1); “serão como a gordura dos cordeiros (ao fogo); desaparecerão, e em fumo se desfarão” (Salmos 37:20).

Se é verdade que os ímpios arderão interminavelmente sem nunca consumir-se, então todas estas ilustrações são inaplicáveis e mesmo falsas. Na realidade, porém, estas declarações são todas apropriadas e verdadeiras. Falsa é a herética e pagânica teoria popular do tormento eterno dos ímpios.

O prezado leitor já viu a palha consumir-se? ou a cera, ao efeito do fogo, desfazer-se em fumaça e desaparecer? Se já, então teve um quadro da extinção completa dos ímpios.

Os ímpios perecerão — “Porque Deus amou o mundo de tal maneira que deu Seu Filho unigênito, para que todo aquele que nEle crê não pereça, mas tenha a vida eterna” (João 3:16). Temos aqui um dilema com duas proposições, a saber: Aquele que crê em Jesus vive eternamente; aquele que não crê perece. Esta será a sorte dos ímpios. Deus lhes fará “perecer no inferno a alma e o corpo” (Mateus 10:28). A palavra “inferno” é aqui traduzida de “Geena”, o vale de Hinon, ao sul de Jerusalém, do qual já falamos. Jesus aludiu a esse vale para ilustrar a futura Geena, o lago de fogo, que aguarda os ímpios no fim do milênio. Ali os ímpios perecerão. “Perecer” significa “acabar, findar, deixar de existir, morrer, ser assolado” (Pequeno Dicionário Brasileiro da Língua Portuguesa).

Os ímpios serão destruídos — “O Senhor guarda todos os que O amam, mas todos os ímpios serão destruídos” (Salmos 145:20). “Destruir” quer dizer “desfazer, desmanchar, assolar, exterminar, demolir, desbaratar, arruinar, aniquilar, fazer desaparecer” (Pequeno Dicionário Brasileiro da Língua Portuguesa).

Os ímpios serão exterminados — “ [...] o ímpio [...] é inteiramente exterminado” (Naum 1:15). “exterminar” significa “destruir com mortandade; eliminar, matando; aniquilar: fazer desaparecer” (Pequeno Dicionário Brasileiro da Língua Portuguesa).

O ímpios serão consumidos — “ [...] desceu fogo do Céu e os devorou” (Apocalipse 20:9). “ [...] o Senhor os devorará na Sua indignação, e o fogo os consumirá” (Salmos 21:9). “ [...] o fogo consumirá os teus adversários” (Isaías 26:11). “ [...] ardor de fogo [...] há de devorar os adversários” (Hebreus 10:27). Quanto ao alcance das palavras “devorar” e “destruir”, cremos que não é necessário recorrer ao dicionário, porque todos sabem que denotam aniquilamento.

Os ímpios deixarão de existir — “Pois ainda um pouco, e o ímpio não existirá; olharás para o seu lugar, e não aparecerá” (Salmos 37:10). “Consume-os com indignação, consume-os para que não existam mais” (Salmos 59:13 - TB). “ [...] serão como se nunca tivessem sido” (Obadias 16). O ímpio é aniquilado, mas “aquele que faz a vontade de Deus permanece para sempre” (1 João 2:17).

No fim do milênio, também Satanás será aniquilado. Dá-nos certeza disto a vitória de Cristo sobre Satanás na cruz do Calvário. “E, visto como os filhos participam da carne e do sangue, também Ele participou das mesmas coisas, para que pela morte aniquilasse o que tinha o império da morte, isto é, o diabo” (Hebreus 2:14). Isto é o que o Senhor também diz categoricamente pelo profeta Ezequiel. Lemos: “Assim diz o Senhor Jeová: Tu eras o selo da simetria e a perfeição da formosura. Estiveste no Éden, jardim de Deus; cobriste-te de todas as pedras preciosas: o sárdio, o topázio, o diamante, o berilo, o ônix, o jaspe, a safira, a esmeralda, o carbúnculo e o ouro. Em ti se faziam os teus tambores e os teus pífaros; no dia em que foste criado foram preparados. Tu eras o querubim ungido que cobre; e estabeleci-te, de sorte que estivesse sobre o monte santo de Deus: andaste no meio das pedras de fogo. Tu eras perfeito nos teus caminhos desde o dia em que foste criado, até que a iniquidade se achou em ti. Pela abundância do teu tráfico encheram de violência o teu interior, e pecaste; portanto te lancei, profanado, do monte de Deus, e te exterminei, ó querubim cobridor, do meio das pedras de fogo. Elevou-se o teu coração por causa da tua formosura, corrompeste a tua sabedoria por causa do teu resplendor; lancei-te por terra, diante dos reis te nus, para que te contemplem. Pela multidão das tuas iniquidades, na injustiça do teu tráfico, tens profanado os Meus santuários; portanto fiz sair do meio de ti fogo, que te devorou, e te reduzi a cinza sobre a terra à vista de todos os que te contemplam. Todos os que te conhecerem entre os povos, ficarão espantados de ti; tu te tornas em pavor, e tu não subsistirás mais” (Ezequiel 28:12-19).

Satanás, sua criação, sua atividade e seu fim, são aqui descritos sob a figura do rei de Tiro. É comum, na Bíblia, o tropo retórico pelo qual se descreve uma coisa por alusão a outra que lhe serve de figura. Assim, por exemplo, fala-se dos “filhos de Levi” para designar aqueles que se dedicam ao ministério no tempo da segunda vinda de Cristo (Malaquias 3:2-5); fala-se do “profeta Elias” para apontar ao precursor da primeira e segunda vinda de Cristo (Malaquias 4:5-6); Lucas 1:17; Mateus 17:10-13); fala-se da “casa de Jacó” ou “casa de Judá” como sendo o povo de Deus no grande e terrível dia do Senhor, e da “casa de Esaú” ou “Edom” como sendo os injustos e desobedientes no mesmo grande e terrível dia (Obadias 15-18; Zacarias 12:1-6; Isaías 34:1-10; 2 Pedro 3:7-12) que, como indicam os sinais proféticos, já está às portas; Cristo fala da Geena (Vale de Hinon, ao sul de Jerusalém, do qual já tratamos) para designar o lago de fogo em que serão exterminados os ímpios no fim do milênio. Cumprir-se-á então, em relação àqueles que não conhecem a Deus, os quais são por isso chamados “Edom” ou “casa de Esaú”, a palavra do Senhor que diz: “serás exterminado para sempre” (Obadias 10). Às vezes, a Bíblia fala simultaneamente de duas pessoas, coisas, acontecimentos, etc., sendo que as mesmas palavras podem referir-se a ambos, ou, quando não, certas palavras se referem de preferência ou exclusivamente ao primeiro, ao passo que outras palavras se referem de preferência ou exclusivamente ao segundo. Exemplo desta natureza encontramos nos Salmos 16, 22 e 40, onde Davi fala de si mesmo e de Cristo; em Isaías 34:1-10, onde o Senhor, pelo profeta, fala tanto da destruição da Idumeia (“terra de Edom”) como da destruição do mundo por ocasião da segunda vinda de

Cristo; em Mateus 24, onde Cristo fala tanto da destruição de Jerusalém como da destruição do mundo na Sua vinda.

Pretendem muitos partidários da doutrina da imortalidade da alma, que as palavras de Ezequiel 28, atrás citadas, não se referem a Satanás, mas sim ao rei de Tiro unicamente. Dessa, evasiva eles se valem, porque o aniquilamento de Satanás é aí referido em termos bem claros e positivos: “ [...] e te exterminei [...] fogo que te devorou, e te reduzi a cinzas [...] tu não subsistirás mais [...] (ou, como diz a versão de Almeida): [...] nunca mais será para sempre”. Estas passagens, que falam da destruição de Satanás, colocam os imortalistas em grandes apuros, pois põem por terra o edifício da abominação doutrinal da Babilônia. Daí o pretenderem muitos deles, como subterfúgio, que essas passagens não se referem a Satanás. O sustentar um erro geralmente implica em lançar mão de outro maior.

Vejamos agora porque essas passagens só podem aplicar-se, exclusivamente, a Satanás: Está dito: “Estiveste no Éden, jardim de Deus”. O rei de Tiro nunca esteve ali, mas Satanás sim. Gênesis 3:1; Apocalipse 12:9. O rei de Tiro nunca foi “querubim” e jamais foi “perfeito”. Diz a palavra inspirada: “ [...] e pecaste”. Isto sugere que até então ele não havia pecado. Pode isto aplicar-se ao rei de Tiro? Prossegue o relato: “ [...] te lancei [...] do monte de Deus [...] e lancei-te por terra”: Acaso o rei de Tiro alguma vez esteve no monte santo de Deus, onde Lúcifer habitava? Ver Joel 3:17; Hebreus 12:22; Apocalipse 14:1. Porventura o rei de Tiro alguma vez foi lançado do monte santo de Deus para a Terra? Isto aconteceu com Satanás e não com o rei de Tiro. Ver Isaías 14:12; Lucas 10:18; Apocalipse 12:8, 9. E quando foi que o rei de Tiro profanou os “santuários” de Deus? Como se vê, a descrição que encontramos em Ezequiel 28:12-19 não pode de maneira nenhuma aplicar-se ao rei de Tiro, mas sim a Satanás.

Fala o Senhor do aniquilamento de Satanás como sendo um ato já consumado: “ [...] te exterminei [...] fogo te devorou [...] te reduzi a cinzas [...] “ É que na Bíblia aparece frequentemente o que poderíamos chamar “antecipação”. Coisas futuras são descritas como se já fossem presentes, e acontecimentos vindouros como se já houvessem ocorrido. Exemplos: “ [...] ouça a Terra e a sua plenitude, o mundo e tudo quanto produz. Porque a indignação do Senhor está sobre todas as nações, e o Seu furor sobre todo o exército delas; Ele as destruiu totalmente, entregou-as à matança” (Isaías 34:1, 2). “Ora ninguém subiu ao Céu”, disse Jesus, “senão o que desceu do Céu, o Filho do homem, que está no Céu” (João 3:13). E Eu já não estou mais no mundo..” (João 17:11). “Eis que é vindo o Senhor com milhares de Seus santos para fazer juízo contra todos..” (Judas 14, 15). “Estas coisas vos escrevi, para que saibais que tendes a vida eterna..” (1 João 5:13). “ [...] livro da vida do Cordeiro que foi morto desde a fundação do mundo” (Apocalipse 13:8). O apóstolo Paulo assim se expressa em relação aos frequentes casos de antecipação que aparecem na Escritura: “Deus [...] chama as coisas que não são como se já fossem” (Romanos 4:17).

QUE É MORTE?

Disse certa vez um doutor em teologia: “Vida é gozo e morte é sofrimento. Morrer ou perecer é o mesmo que sofrer”. Pedimos-lhe que provasse este absurdo pela Bíblia, mas não foi capaz.

Interessante! Certas palavras, quando usadas na Bíblia, devem ter um significado que nenhum homem intelectualmente são e sincero lhes é capaz de dar quando aparecem noutros livros! Assim, por exemplo, as palavras “vida” e “morte”, quando encontradas em qualquer livro comum, têm simplesmente o significado de “existência animada” e “cessação da existência animada”, respectivamente; mas quando encontradas na Bíblia, devem, segundo os teólogos, significar “gozo” e “sofrimento”. Que lhe parece isto, prezado leitor?

Qualquer pessoa de mente sã e sincera sabe dar a cada palavra comum o seu verdadeiro sentido. Se o estimado amigo encontra num livro a palavra “água”, sabe que é água mesmo; que vinho é vinho mesmo; e que leite é leite mesmo; etc. Mas se um teólogo, para justificar heresias inadvertidamente herdadas da velha igreja mãe, afirmasse, na exposição da Bíblia, que, no texto sagrado, água é azeite, vinho é manteiga e leite é mel, concordaria com tal interpretação? E como é possível concordar com os falsos significados impingidos às palavras “vida” e “morte”?

Quando os homens perdem o amor da verdade, Deus lhes envia a operação do erro, para que criem a mentira (2 Tessalonicenses 2:10-11). Para apoiar um erro, agarram-se a outro maior, e para sustentar este, apegam-se a outro maior ainda, e assim sucessivamente. Desta maneira rejeitam a verdade e inventam teorias fabulosas, hediondas heresias e erros crassos. Assim é que as religiões que constituem a Babilônia espiritual não são nada mais que sistemas doutrinários inteiramente falsos e inconsistentes. Não queremos contudo dizer que todos os seus adeptos sejam hipócritas. Isso não. Há muitas pessoas sinceras nessas igrejas. Estão, porém, enganadas. Por isso, Deus lhes envia o convite: “Sai dela, povo Meu, para que não sejas participante do seus pecados, e para que não incorras nas suas pragas” (Apocalipse 18:4).

Mas analisemos agora do ponto de vista bíblico o contrassenso: “Vida é gozo e morte é sofrimento”.

Disse, desesperado, o profeta Jonas: “Melhor me é morrer do que viver” (Jonas 4:8). Será que sofrer era para ele melhor do que gozar?

Cristo é chamado o “Cordeiro que foi morto desde a fundação do mundo” (Apocalipse 13:8). Se morrer é sofrer, então Cristo estava em sofrimento desde a criação.

João apóstolo, descrevendo a visão profética que lhe foi concedida sobre o futuro castigo da besta e do falso profeta, diz: “Estes dois foram lançados vivos no ardente lago de fogo e de enxofre” (Apocalipse 19:20). Se “vida é gozo”, então a besta e o falso profeta serão lançados cheios de gozo no lago de fogo. Pode ser isto?

Como se vê, quando alguém foge da verdade, cai em grandes absurdos.

Outro conceito da teologia popular acerca de “morte” é o seguinte: “Morte não significa aniquilamento, porém, separação. Morte física é a separação do espírito do corpo, como ficou claramente provado no capítulo anterior (isto é, como o autor pretende ter provado - o grifo é nosso); morte espiritual é a separação do espírito de Deus; e a morte eterna ou segunda morte é a separação ou banimento completo e eterno do espírito, no corpo ressuscitado, da presença e influência de Deus e de qualquer bem”. — O Sabatismo à Luz da Palavra de Deus, pág. 102. Mas onde é que há, na Bíblia, fundamento para estas tabulas? O autor do referido libelo, mediante o qual Satanás procura reter muitas e preciosas almas nas trevas, tem mesmo a ousadia de citar, como se estivesse na verdade, passagens da Bíblia, com as quais pretende sustentar esta heresia. E não é de admirar, pois o próprio Satanás usou a Bíblia. Mateus 4:6. Diz o referido autor: “Quando Deus ordenou a Adão no Éden, que não comesse da árvore da ciência do bem e do mal, ele acrescentou:

‘porque no dia em que dela comeres, certamente morrerás’ (Gênesis 2:17). Foi, porém, Adão aniquilado, ou morreu ele como os sabatistas entendem, tendo comido do fruto? Não. Continuou a viver uma vida natural de 930 anos. (Gênesis 5:5). Mas então Deus mentiu ou mudou Seu plano? Segundo os sabatistas, sim. Mas nós dizemos, com toda a Bíblia, que a palavra de Deus se cumpriu à risca no mesmo momento em que comeram do fruto proibido. Adão e Eva ‘CERTAMENTE’ morreram espiritualmente, porque o pecado os separou imediatamente do Deus santo; tanto assim que não puderam mais suportar a Sua presença, fugindo, dEle”. Idem, pág. 103.

Vejamos a realidade neste assunto: “Vida” quer dizer “existência animada”. Morte é o fim da vida, a cessação das funções vitais. A Bíblia, porém, considera mortos não só os que já morreram em realidade, mas também os que estão sob a sentença de morte. Biblicamente, ser condenado à morte equivale a morrer. Assim é que os nossos primeiros pais podiam considerar-se mortos desde o momento em que receberam a sentença de morte: “és pó, e em pó te tornarás” (Gênesis 3:19). Cristo é chamado o “Cordeiro que foi morto desde a fundação do mundo” (Apocalipse 13:8). Isto não quer dizer que, desde a criação, dEle se tenha separado Seu Espírito ou que Ele tenha sido separado de Deus, mas que, desde então, estava determinada a Sua morte para redimir o homem. E desde que fora determinado para morrer, podia considerar-Se morto. Isso porque “Deus [...] chama as coisas que não são como se já fossem” (Romanos 4:17). Assim, também, desde que recebemos a promessa da vida (1 João 2:25), podemos considerar-nos como já tendo a vida (1 João 5:13), se bem que ela só nos será concedida em realidade na segunda vinda de Cristo. (Mateus 25:46; Lucas 18:30; Romanos 2:5-7; etc.). Passar “da morte para a vida” (João 5:24; 1 João 3:14) é o mesmo que passar da sentença de morte para a promessa e esperança da vida.

No fato de Cristo ser chamado o “Cordeiro que foi morto desde a fundação do mundo”, temos, pois, um caso de morte sem separação de espécie alguma. Vejamos agora alguns casos de separação, segundo a teologia popular, sem ter havido morte.

Estando o profeta Elias prestes a ascender ao Céu, disse-lhe Eliseu: “Peço-te que haja porção dobrada de teu espírito sobre mim” (2 Reis 2:9). E isto ele também obteve. “O espírito de Elias repousou sobre Eliseu” (verso 15), quando “Elias subiu ao Céu num redemoinho” (verso 11). Ora, se dermos a “espírito” o significado popular, então resulta-se que a essência de Elias, sua individualidade, seu “eu consciente”, ou seja, o Elias propriamente dito, não subiu ao Céu, senão apenas seu invólucro, sua carne morta. Mas será que Eliseu pediu a Elias que lhe concedesse, em duplicata, algum espírito pessoal, consciente e imortal, que nele estivesse encarnado, isto é, a própria essência do Elias? Não! Pediu tão somente uma porção dobrada de seu caráter, entendimento, etc. A isto é que Eliseu chamou “espírito”.

A rainha de Sabá certa ocasião fez uma visita ao rei Salomão. E vendo ela “toda a sabedoria de Salomão, e a casa que edificara, e a comida da sua mesa, e o assentar de seus servos, e o estar de seus criados, e os vestidos deles, e os seus copeiros, e a sua subida, pela qual subiam à casa do Senhor, não houve mais espírito nela. E disse ao rei: foi verdade a palavra que ouvi na minha terra, das tuas coisas e da tua sabedoria.” (1 Reis 10:4-6). Quer isto dizer que um espírito abstrato, consciente e imortal, segundo a crença popular, tivesse desencarnado da rainha, deixando ali o seu cadáver? A esta assombrosa conclusão teríamos que chegar, todavia, se sustentássemos o conceito de “alma” ou “espírito”, segundo a teologia popular. No entanto, ela não morreu, ainda que tivesse ficado sem espírito. A expressão “não houve mais espírito nela” quer dizer que ela ficou sem ânimo e sem ideias.

Enquanto Davi andava fugido de Saul, “acharam no campo um homem egípcio, e o trouxeram a Davi, deram-lhe pão e comeu, e deram-lhe a beber água. Deram-lhe também um pedaço de massa de figos secos e dois cachos de passas, e comeu, e voltou-lhe o seu espírito, porque havia três dias e três noites que não tinha comido pão nem bebido água” (1 Samuel 30:11, 12). Quando esse homem foi encontrado sem espírito, estava ele morto? Não! De maneira nenhuma! E no entanto ele estava sem espírito. Tendo tomado algum alimento, “voltou-lhe o seu espírito”, isto é, ele recobrou seu ânimo e energia.

A Bíblia, às vezes, também usa “espírito” no sentido de “fôlego”. Neste caso, saindo do homem o espírito, ele morre, pois não pode viver sem respiração. (Já 34:14, 15; Salmos 146: 4; Eclesiastes 12:7; Lucas 8:55; Tiago 2:26; etc.).

Se morte é uma continuação de vida sob outra forma, então os animais irracionais também continuam a viver depois de mortos. “Porque o que sucede aos filhos dos homens, isso mesmo também sucede aos animais; a mesma coisa lhes sucede; como morre um, assim morre o outro, todos têm o mesmo fôlego; e a vantagem dos homens sobre os animais não é nenhuma” (Eclesiastes 3:19).

Morte, em realidade, conforme usada na Bíblia, é a cessação das funções vitais e a conseqüente extinção do ser. Quando o homem morre, ele nada mais sabe, pensa ou sente. Está morto de fato. “Porque os vivos sabem que hão de morrer, mas os mortos não sabem coisa nenhuma, nem tão pouco eles têm jamais recompensa, mas a sua memória ficou entregue ao esquecimento. Até o seu amor, o seu ódio, e a sua inveja já pereceram, e já não têm parte alguma neste século, em coisa alguma do que se faz debaixo do Sol [...] Tudo quanto te vier à mão para fazer, faze-o conforme as tuas forças, porque na sepultura, para onde tu vais, não há obra, nem indústria, nem ciência, nem sabedoria alguma” (Eclesiastes 9:5, 6, 10).

Segundo a teologia popular, o homem, em seguida à morte, vai consciente para o Céu. Mas a Bíblia refuga esta forma de espiritismo ou paganismo, afirmando que o homem vai “para a sepultura” e fica restrito a esta esfera, “debaixo do Sol”. Se é verdade que o homem possui uma entidade imaterial, consciente e imortal, e desligável do corpo por ocasião da morte, entidade essa à qual comumente se chama “espírito” ou “alma”, então essa entidade é o “eu”. A carne é apenas o invólucro ou a casa residencial do “eu”, mas nunca o próprio “eu”. Mas a Bíblia, diz que o “eu” vai para a sepultura: “ [...] na sepultura para onde tu vais [...] ” Disto compreende-se que o homem não possui essa suposta entidade popularmente chamada “alma” ou “espírito”. Se a possuísse, teríamos que chegar à conclusão de que a mesma vai para a sepultura. O “eu” é o homem todo. A “alma” e o “espírito”, segundo usado na Bíblia, são apenas faculdades do homem, as quais não podem subsistir por si, assim como não pode haver música sem instrumento.

A Bíblia não só diz que o homem, na morte, é reduzido à condição de inconsciência e insensibilidade, mas afirma também que é extinto. “Mas morto o homem, é consumido; sim, rendendo o homem o espírito (ou fôlego), então onde está? Como as águas se retiram do mar, e o rio se esgota, e fica seco, assim o homem se deita, e não se levanta; até que não haja mais céus não acordará nem se erguerá do seu sono” (Jó 14:10-12).

Diz a teologia popular que “a segunda morte”, que será a sorte das ímpios, é a sua final separação de Deus. Mas isto é um grande contrassenso. Assim como não é possível alguém morrer segunda vez, a menos que reviva depois da primeira morte, também não seria possível aos ímpios sofrer “segunda” separação, a menos que fossem previamente reconciliados com Deus. Além disso: Se a “segunda morte” é uma “segunda separação” de Deus, então essa condição será temporária, porque a morte deixará de existir em seguida à destruição dos ímpios. “E não haverá mais morte”, diz a Bíblia. (Apocalipse 21:4).

Seja Deus louvado por ter-nos dado Sua Palavra - poderoso escudo contra o erro.